

Flávia Fernanda Costa
Karen Wolff de Oliveira
Luciane dos Reis Campana
Marinice Souza Simon



UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO...

DE PAULA FRASSINETTI

A PAULO FREIRE



1ª EDIÇÃO
PORTO ALEGRE
2002

*UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO...
DE PAULA FRASSINETTI A
PAULO FREIRE*

REVISÃO: Irmã Marilda Braga Casalechi

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Fábio Teixeira

ASSESSORIA EDITORIAL: Salles Editora

Um olhar sobre a educação... : de Paula Frassinetti
a Paulo Freire / Flávia Fernanda Costa [et al.].
- Porto Alegre: Salles Editora. 2002.

1. Educação. I. Costa, Flávia Fernanda. II. Oliveira, Karen Wolff de. III. Campana, Luciane dos Reis. IV. Simon, Marinice Souza.

CDU 37

Catálogo na publicação: Cleonice S. Lubisco – CRB 10/201

SUMÁRIO

Agradecimentos	4
Sobre as autoras	5
Prefácio	7
Apresentação	11
Traços Biográficos	15
1. Sobre a Educação Libertadora Perspectiva Histórica	17
2. Paula, uma Agente de Educação Libertadora?	23
3. Virtudes do Educador: Ótica Frassinettina e Ótica Freireana	27
3.1. Diálogo	27
3.2. Testemunho	31
3.3. Humildade	35
3.4. Amorosidade e Paixão	41
3.5. Coragem	46
4. Análise do Estudo das Raízes e da Práxis Freireana	51
4.1. Princípios Orientadores da Educação Doroteana e sua Correlação com os Princípios Freireanos	53
4.2. Educar para nós... Educar para Paulo	81
5. Legado de Paula e legado de Paulo	85
Conclusão	87
Anexos	
Síntese do contexto histórico-geográfico (século XIX)	91
Quadro Sinótico	92
Carta às Dorotéias	95
Bibliografia	97

Para nossos
queridos esposos:
Adilson, Claudio, Norberto e
Valdir.

Para nossos
amados filhos:
Georgia, Alexandre, Arthur,
Diogo, Davi e Mathias.

Para as avós dos pequenos,
que tão bem
supriram nossa ausência
junto a eles.

Para nossa grande
incentivadora e sempre mestra:
Irmã Maria Luísa de Moraes Moura.

Para a Congregação das
Irmãs de Santa Dorotéia da Frassinetti
que nos possibilitou conhecer e amar
Santa Paula.

SOBRE AS AUTORAS

FLÁVIA FERNANDA COSTA

Psicopedagoga e Supervisora Escolar.

Ex-aluna do Colégio Santa Dorotéia de Porto Alegre, onde atua como Supervisora da Educação Infantil e das Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Professora de Metodologia do Ensino da Educação Infantil, no Curso Normal.

KAREN WOLFF DE OLIVEIRA

Psicopedagoga e Orientadora Educacional.

Ex-aluna do Colégio Santa Dorotéia de Porto Alegre, onde atua como Orientadora Educacional das 6^{as} e 7^{as} séries.

LUCIANE DOS REIS CAMPANA

Psicopedagoga e Supervisora Escolar.

Ex-aluna do Colégio Santa Dorotéia de Porto Alegre, onde atua como Supervisora das 8^{as} séries e do Ensino Médio.

MARINICE SOUZA SIMON

Psicopedagoga e Supervisora Escolar.

Ex-aluna do Colégio Santa Dorotéia de Porto Alegre, onde atua como Vice-Diretora, Coordenadora do Sor e Professora de Didática do Curso Normal.

PREFÁCIO

Lendo as Cartas de Paula Frassinetti e as Constituições das Irmãs Dorotéias percebe-se um indiscutível compromisso com a Educação, compreendida enquanto *Formação Integral* da pessoa humana. Trata-se de uma concepção educativa que assume claramente a linha evangélica, pela qual o ser humano está destinado a realizar o bem, pois esse é o caminho de sua própria libertação. Paula Frassinetti estava imersa no Evangelho que, para ela, era verdadeiramente a Boa Notícia apresentada aos humanos para resgatá-los das tristezas e desesperanças da vida e reencantá-los com o mundo. Paula encarna o Evangelho Libertador de Jesus Cristo, vive a Boa Notícia anunciada, mas sua demanda interna e pessoal não a deixa quieta, ela quer mais, quer propagar a esperança que encontrou, quer anunciar que a caminhada vale a pena e que a vida é vitoriosa. Para isso, Paula funda a Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia e, obstinada, espalha por várias paragens do planeta as sementes da simplicidade, da alegria, do encantamento, da vitória e da liberdade. Fundando escolas por várias partes do mundo, sua Congregação propaga uma concepção de educação que mostra o quanto é possível conquistar a emancipação no cotidiano escolar através do exercício constante de virtudes morais e intelectuais. Paula intuiu que o ser humano está aberto para a conquista de si mesmo. Ela percebeu que a educação pode aceitar os desafios dessa conquista e responder com paciência e simplicidade a essa demanda, talvez a mais cara demanda que alguém pode ter.

E foi lendo Paula Frassinetti, através de olhares comprometidos com a educação evangélico-libertadora, que esse grupo de professoras de Porto Alegre resolveu construir elos entre o Projeto de Paula Frassinetti, há mais de um século sendo concretizado nas Escolas Dorotéias, e a Pedagogia da Libertação de Paulo Freire. O texto busca encontrar as alianças possíveis entre as intuições de Paula e a pedagogia de Paulo e, com certeza, essa foi uma escolha feliz, pois em ambos a educação é concebida como “lugar” de conquista da liberdade e, por isso, a escola é compreendida como a instituição criada para planejar e exercitar a emancipação humana e espaço de instalação da justiça, da liberdade e da paz, tanto em âmbito pessoal quanto social.

O texto assume uma posição clara sobre o ato de educar que, na convergência dos ideais de Paula e Paulo fica expresso como sendo através da atividade dialógica permanente. Paulo Freire foi um incansável defensor da *Pedagogia do Diálogo*, mais conhecida como *Pedagogia do Oprimido*. E não precisamos de muito esforço para perceber que o diálogo liberta-nos da opressão porque nos lança ao encontro do *outro* e nos ensina a respeitá-lo como legítimo *outro* na convivência. Por isso, educar não pode ser simplesmente instruir, mas, fundamentalmente, formar para a convivência. E somente aqueles que aprendem a dialogar na escola é que verdadeiramente se educam para a vida. Daí porque Paulo Freire fez ecoar forte que *ninguém educada ninguém*, pois a educação só acontece quando o diálogo se instala e permeia as relações didáticas e pedagógicas e, des-

se modo, é esse espaço escolar *dialogante* que educa, nele as pessoas se educam na e pela convivência.

Paula Frassinetti descobriu a força do diálogo desde o início de sua missão, ela privilegiava a escuta, a paciência e a conversação. Ela sabia que só os espíritos abertos e disponíveis podem se deixar tocar pelo novo e atender o convite à conquista da liberdade. Paula exercitou isso em sua própria vida escrevendo mais de oitocentas cartas. Inspirada no próprio cotidiano, ela admoestava, animava, convidava as suas Irmãs ao diálogo, pois o diálogo orante se constitui em espaço de revelação da própria vontade de Deus. Ela ensinava que a escuta do outro *pela via do coração e do amor* é o caminho que conduz à verdade. Paula aprendeu a ser obediente e, por isso, ensinava que só os que aprendem a escutar sabem o que significa obedecer; mas Paula não queria obediência cega e, sim, a obediência que só as pessoas autônomas podem sustentar: obediência discernida, obediência de quem alcança a *visão de conjunto*.

Se, por um lado, Paula enfatiza o Evangelho para conseguir a libertação; por outro, Paulo enfatiza a libertação e, desse modo, defende o mais precioso valor evangélico. São essas duas trilhas de educação que se encontram nesse livro. Foi essa a descoberta que Marinice, Luciane, Flávia e Karen fizeram e agora nos apresentam carinhosamente. Numa palavra, elas promoveram um encontro entre Paula Frassinetti e Paulo Freire e concluíram que esse encontro foi possível porque ambos encarnaram e defenderam a *Educação pela Presença*. Quem educa, verdadeira-

mente, vivencia o que defende e somente aqueles que dialogam são capazes de educar assim.

Custódio Almeida

APRESENTAÇÃO

Já vai longe o momento em que nos encontramos com as idéias de Santa Paula. Embora em circunstâncias diferentes, acreditamos que, com igual intensidade de interesse e admiração, pudemos estreitar laços com tão pródigas linhas de pensamento acerca da educação.

Durante a experiência de aprofundamento das intuições pedagógicas de Paula, fomos criando uma aplicabilidade das mesmas, no afã de fazê-las acontecer em nossa comunidade educativa. E não raro, nos vimos contagiadas pelos seus ideais, ao ponto de, em outras ações, que não as educacionais, quiséssemos também fazer uso de suas orientações.

Na caminhada, que temos trilhado, percebemos que crescemos em conteúdo cristão - pedagógico. É como se não entendêssemos mais o ato de educar sem o vínculo com a fé e com os princípios religiosos, confirmando que, na integralidade da formação, há de existir destaque para a espiritualidade e para a religiosidade.

Então, por adesão pessoal e desejo do grupo passamos a formular um suporte para nossa ação pedagógica, baseado no ideário de Paula, adotando posturas e experimentando sentimentos os quais quisemos também expandir e partilhar para que outros se beneficiem das idéias de "nossa" querida Fundadora.

Vale dizer que com isso quisemos contribuir para que todos aqueles que trabalham com as Irmãs Dorotéias assumissem, como compromisso de vida, o sentido de educar,

extraído do mais profundo do coração da Santa Fundadora, que nos ilumina, qual seja: “ Educar para nós significa deixar-nos possuir pela pedagogia do Evangelho que leva o homem, a descobrir que é amado por Deus... “. (Educar para nós...1991)

Em nossa área de atuação, temos o interesse constante de atualização e aprofundamento. Nosso compromisso profissional supõe um acompanhamento contínuo de teorias educacionais para, então, promover os recortes necessários ao seu uso cotidiano. Vale salientar que, paralela a esta atualização e informação, há também a preocupação em fazer escolhas que se encaixem no referencial definidor da proposta educativa doroteana. Trata-se de unir intuições pedagógicas com conhecimentos de autores que apresentem afinidade com as idéias que defendemos, por Paula.

Ainda sobre estas intuições, queremos pontuar nossa admiração, não só ao ponto de vista espiritual ou religioso, mesmo sendo este um aspecto prioritário para nós, como também ao aspecto pedagógico, que nos despertou o desejo de busca de idéias afins em teóricos, por nós igualmente respeitados, para assim promover uma aplicação mais prática das idéias que tanto iluminam o nosso fazer didático.

Com tanta riqueza e versatilidade, pareceu-nos oportuno um estudo que viesse legitimar as intuições pedagógicas de Paula, buscando também a credibilidade necessária para que estas idéias sigam além do universo das Escolas Dorotéias.

E com estas aspirações partimos para a busca de um autor que revelasse sensibilidade e bom senso na constru-

ção de suas linhas de pensamento e ação. Um autor que tivesse como preocupação primeira a formação de um ser humano na sua integralidade, conduzindo este processo com humildade, amorosidade e coragem, virtudes que tanto nos encantam em Paula.

Neste ponto de nossos estudos, deparamo-nos com Medellin e com a Educação Libertadora, viabilizada por Paulo Freire, cuja obra, relida agora por nós, apontou uma grande afinidade com as idéias que queremos defender. Assim, definimo-nos por tal autor, reforçando os pontos-chave do conteúdo que nos acompanha, nos encanta e nos faz acreditar no horizonte traçado por Paula e que, ainda hoje, perpassa nossa prática diária.

Convém ressaltar que o enfoque desses estudos recai na pessoa de Paulo Freire, acima de tudo, por sua humanidade e sensibilidade, antes que em sua formação política e social.

Constatam-se aspectos que não são comuns entre eles, sobretudo no tocante à transformação social tão defendida no referencial freireano. Sabemos que tal característica não fica evidente na trajetória de Paula, o que é perfeitamente explicável no contexto histórico e social de sua época.

Por isso, consideramos que tal estudo reveste-se muito mais de um caráter apreciativo e sentimental do que científico.

Diante de tudo isto perguntamo-nos:

Por que comparações?

Por que Paulo Freire?

Paula não nos basta?

As respostas vêm justamente da admiração extrema que temos por Paula, a ponto de desejarmos trazê-la plena para o nosso tempo e lugar.

Parece-nos importante reler Paula como o temos feito continuamente, com os olhos do hoje e à luz de reflexões pedagógicas, por que não? Esta particularidade de nosso estudo possibilitará, inclusive, reforçar aquelas intuições com as semelhanças encontradas nesse teórico renomado.

Reconforta-nos ver em Paulo Freire a concordância com “nossa” Fundadora. Mesmo sem o menor vínculo, vemos uma grande afinidade. Afinidade que congrega as pessoas que perseguem a verdade e a justiça, que amam o outro sem reservas e, assim, compreendem-no a ponto de dedicar a ele todo o seu amor.

Quando abraçamos o “*educar pela via do coração e do amor*” (Carta 663,6), estamos falando daquela amorosidade que Paulo Freire aponta como componente básico e prioritário na relação educando e educador.

É esta comunhão de idéias que nos encanta e faz amar, ainda mais, Paula. Tão versátil, tão sensível e entregue a Deus. É este o caminho que queremos seguir, porque entendemos que não há “meias opções”, não há “talvez” ou “eu acho”. Com Santa Paula, há a certeza e a adesão total ao seu projeto. Projeto que atravessa séculos e encontra em Paulo Freire uma afinidade, legitimando a idéia de que, quando unimos esforços, nada nos pode deter e o maior beneficiado é o irmão para o qual oferecemos nosso serviço.

Marinice Souza Simon

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

PAULA ÂNGELA MARIA **FRASSINETTI** **PAULO** REGLUS NEVES **FREIRE**

NASCIMENTO

Gênova - Itália
03/03/1809
Séc - XIX

Pernambuco - Brasil
19/09/1921
Séc - XX

FILIAÇÃO

João Batista Frassinetti
Ângela Viale

Joaquim Temístocles Freire
Edeltrudes Neves Freire

EDUCAÇÃO

Realizou estudos domiciliares, educada pelo pai e pelos irmãos. Demonstrou preferência por Filosofia e por Teologia.

Aprendeu a ler e a escrever com os pais. Demonstrou forte interesse por Língua e por Filosofia.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

Aguçada inteligência; enorme força de vontade para executar suas tarefas; temperamento piedoso; devotamento exemplar; coragem em enfrentar dificuldades; criatividade e audácia.

Estudioso, dedicado, persistente e corajoso; apaixonado pelo ensino; criativo e audaz; assumiu sua formação cristã, atribuindo ao cristianismo um valor progressista, preocupado com as questões sociais e políticas.

PERDAS

Aos nove anos perdeu a mãe e assumiu parcialmente as funções de dona de casa.

Aos treze anos perdeu o pai e seus estudos foram adiados.

OPÇÕES / REALIZAÇÕES

Em 1827, vai morar com o irmão Párcoco, em Quinto, onde funda uma escola paroquial para crianças pobres, e além de alfabetizá-las, ensina-lhes práticas de trabalho, como costura e bordado, desenvolvendo também uma ação fecunda de apostolado, conseguindo reunir um grupo de seguidoras que a auxiliavam.

Por volta de 1946, passou a dedicar-se exclusivamente ao trabalho educativo. Aproximou-se dos pobres, desenvolvendo uma linguagem de crítica e de esperança que provaram ser úteis em ajudar gerações de povos desfavorecidos a se libertarem.

12/08/1834 - funda uma comunidade religiosa, "As Filhas de Santa Fé", que posteriormente passa a chamar-se Irmãs de Santa Dorotéia.

EXPANSÃO DA OBRA

A força de sua ação evangelizadora é reconhecida, difundindo-se e espalhando-se.

Em 1866, chega ao Brasil e logo depois a Portugal, expandindo-se ao redor do mundo, atingindo todos os continentes.

Durante sua vida, Paula manteve contínuo contato com esses países, indo inclusive à Portugal, a fim de acompanhar de perto suas Irmãs na obra ali desenvolvida.

1946 - começou a trabalhar no SESI, aprendendo a dialogar com a classe trabalhadora, compreendendo sua forma de aprender o mundo através de sua linguagem.

1964 - No Chile, exilado, trabalha na formação dos novos profissionais e técnicos do setor agrário, consolidando sua obra iniciada no Brasil.

A seguir passa um ano em Harvard como professor.

Durante 10 anos foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas em Genebra (Suíça).

Também desenvolveu trabalhos em vários outros países do mundo.

1980 - Retorna ao Brasil, exercendo o magistério na Unicamp e PUC-SP.

1989 - Tornou-se Secretário de Educação de São Paulo.

MORTE

11/06/1882 - Aos 73 anos, morre em Roma.

11/03/1984 - É canonizada pelo Papa João Paulo II.

02/05/1997 - Aos 75 anos, morre em São Paulo.

1. SOBRE EDUCAÇÃO LIBERTADORA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Como necessidade de transformação de uma situação política e social opressora, nasce a educação libertadora (Medellin) que propõe uma participação maior do povo na construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna.

Nesta luta, a Igreja é portadora, mais uma vez, da "boa notícia". A notícia contida no Evangelho de São João que proclama a vinda do Cristo para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10). Na promessa do Messias se encaixa o contexto latino-americano, pisoteado, sem vez e sem voz, tendo que "digerir" a cultura importada dos colonizadores que privilegia os poderosos em detrimento do povo empobrecido.

Novos ares, novas possibilidades...situações, que agora são vislumbradas pela janela da educação libertadora, oferecem aos educandos a oportunidade de protagonizarem sua história e, o que é melhor, assumirem papéis de reinventores de uma sociedade que já não lhes faz felizes.

Mas no exato lugar do entusiasmo que empolga a nova proposta, vê-se surgir o endurecimento trazido pelos regimes militares, silenciando os princípios da educação libertadora.

Novas posturas surgem na Igreja que outrora se adiantou em defesa do povo. A prudência, o medo, a covardia e sabe-se lá o que fazem com que se adotem novas formas de agir em favor da velha causa abraçada. Surge o termo "educação para a justiça" que parece abrandar o impacto

dos termos anteriores, sem deixar de provocar questionamentos relativos aos problemas já levantados.

O tempo avança trazendo novos episódios. É a história que vai se desenhando, ainda sem a presença de todos os desenhistas nela implicados.

Neste momento de tensão, buscam-se novas opções e compromissos que, sob novas denominações, ainda contemplem os desejos de libertação dantes surgidos. Em Puebla, fala-se da educação evangelizadora, que é reveladora da dupla dimensão do Reino de Deus – ao mesmo tempo, uma realidade transcendente e histórica, espiritual e política, religiosa e social.

Acerca desta nova expressão, “educação evangelizadora”, tem-se a dizer que não foi suficientemente forte ou enfática para se estabelecer no cenário vigente; parece que pendeu demasiadamente para o lado religioso deixando quase a descoberto o aspecto libertador.

A sociedade em movimento levanta novas urgências. A essência do problema permanece inalterada, porém novos tempos trazem novas alternativas de solução. Na Igreja, vive-se novo período marcante, encabeçado pela Conferência de Santo Domingo. Agora aparece a expressão “educação cristã”, antecedida pela “educação libertadora” e pela “educação evangelizadora”.

A educação cristã é dirigida para uma definição que aborda a “inculturação do evangelho na própria cultura”(n.263), sendo que o termo orbita em torno dos valores, denotando um viés mais ético e menos social da educação.

Desta forma a educação para os valores cristãos atinge grande relevo, iniciando pela re-significação do próprio valor como pessoa humana, sem ser reduzida à categoria de objeto (n.109).

Há que se destacar o esforço de Santo Domingo para a percepção da educação como “processo dinâmico que dura a vida toda da pessoa e dos povos”, que “recolhe a memória do passado, ensina a viver o hoje e se projeta para o futuro” (n.263).

As urgências dos tempos pós-modernos sugerem a criação de nova linguagem e símbolos, levando em conta o fortalecimento de conteúdos não preconceituosos que, por exemplo, discriminem a mulher, reduzindo sua identidade e dignidade. Há todo um esforço na construção de programas que contemplem, numa ótica cristã, a educação para o amor, com a construção de caminhos que contribuam para relações interpessoais alicerçadas no respeito e apreço, no reconhecimento das diferenças, no diálogo e na reciprocidade.

Hoje, passados dez anos da Conferência de Santo Domingo, a educação assume novos contornos, com relevância para o saber, na sociedade contemporânea, marcada pelo avanço industrial, como geradora de produção econômica, com grande ênfase na pesquisa científica, visando ao crescimento econômico, gerando tecnologia de ponta.

O perfil para o mercado de trabalho, então, se configura de maneiras diferentes e surge uma nova relação entre produção e conhecimento, determinando um novo tipo de exigência para obtenção de empregos, onde quem não

participa do mercado é considerado excluído. Para atender à nova demanda a educação sofre mudanças, tendo que melhorar rapidamente a educação básica e secundária das grandes massas, a fim de fazer parte do movimento econômico moderno.

Surge uma elite do saber, à qual somente pertencem aqueles que, ao longo de suas vidas, terão uma formação que os faça intelectualmente criativos e comportamentalmente motivados a adotarem uma disciplina intelectual que lhes dê prazer de produzir saberes determinantes para o desenvolvimento das sociedades.

Nesse panorama, onde ficaria, então, a idéia surgida em Medellin? Com a pergunta pode-se questionar também o futuro da Educação Libertadora, ou melhor, o seu lugar. A luta permanece, embora, por vezes, assuma outro traçado, com batalhas mais difíceis e de conseqüências fortíssimas para a humanidade. A esta sociedade, que se constrói como uma sociedade do saber, cabe um papel de destaque para a formação dos futuros controladores do saber, no tocante a ética por eles assumida como produtores diretos do conhecimento.

A mesma Educação Libertadora surgida em Medellin tem lugar ainda hoje, quando continuamos a buscar a vida plena prometida em abundância no Evangelho.

É por este ideal que aqueles que fazem as instituições educacionais, continuam a lutar. Para colocar no coração de cada detentor do saber o amor necessário para a perpetuação de valores inegociáveis.

Ao final desta breve revisão da caminhada da Educação Libertadora, quando observamos a variedade de termos para denominar posturas e concepções relacionadas à tarefa de educar, podemos concluir que, embora se tenha criado inúmeros termos para defini-la, o que temos mais forte e o que é lembrado, permanecendo até os dias atuais é mesmo o da Educação Libertadora. Por quê? Embora se tenha maquiado o termo para atender-se às exigências, ele permanece. Não seria porque a liberdade é o que mais prezamos e perseguimos em nossa vida? Não há cristianismo, não há evangelização e não há inculturação onde há amarras. É aí que está a preciosidade da proposta, que acena com a benfazeja liberdade.

É simples e não requer uma análise mais aprofundada. O bem mais precioso ao ser humano é aquele que lhe possibilita ser inteiro com corpo, mente e coração na busca da felicidade, que parece consistir no alcance pleno da dignidade.

2. PAULA, UMA AGENTE DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA?

É lógico que, em nossa prática diária, não somos educadores cem por cento libertadores. Mas, num mundo tão rico em posicionamentos, encontramos-nos muito inclinados aos ideais libertadores, porque acreditamos ser esta a educação que queremos levar adiante, por estar em concordância com os procedimentos adotados pela prática do-roteana.

Na medida em que “fazemos acontecer” uma educação voltada para a promoção do ser humano, para a realização de seus sonhos, calcados em valores profundamente evangélicos, estamos viabilizando um processo transformador, que preconiza o anúncio da vida e a denúncia das situações de morte.

Não há, na vida de Paula, uma referência explícita desta abordagem. Acreditamos que, pelo contexto sócio – político – econômico – cultural, Paula se comportou como uma educadora do momento, porém vale registrar sua postura de clareza e transparência na defesa de idéias contrárias ao sistema vigente. Diante das situações de negação aos valores do Reino, percebemos em Santa Paula uma educadora verdadeira e combativa na defesa de seus propósitos, lutando até o fim, para manter viva a chama que a impelia na direção de uma educação disposta a formar para a vida, renunciando aos contravalores, sempre presentes nos caminhos humanos.

Embora o posicionamento político não fique claro em sua prática, observamos, não raro, sua não-indiferença em relação aos padrões impostos pela política vigente.

Quando observamos a percepção aguçada para a problemática da época e a tomada de decisões em favor daqueles que são entregues ao seu atendimento, concluímos que, embora não empunhando bandeiras ou evidenciando militância política, Paula é preocupada em criar formas de ação em prol de uma educação voltada para a atualidade.

Ao observarmos mais atentamente sua atitude de obediência ao regime, permitindo a dispersão de suas Irmãs, num momento extremamente crítico, podemos fazer uma leitura do fato como um recuo estratégico de quem se retira para pensar novas maneiras de continuar atuando, levando consigo a inquietude peculiar àqueles que não se mostram indiferentes ou passivos quando ameaçados pelo poder vigente.

Por isso acreditamos na porção libertadora que se agrega ao perfil da Madre Fundadora. Por isso vemos semelhanças com Paulo Freire, à medida que o inconformismo faz parte de suas vidas, direcionando-os para respostas ousadas, esperadas por todos aqueles que foram “tocados” por seus ideais.

Há também que se fazer referência à audácia presente na vida de Santa Paula. Coragem e audácia fundamentadas na fé e na confiança em Deus. Atitudes ousadas como a fundação no Brasil, para onde enviou Irmãs, acreditando ser útil na formação daqueles que, mesmo desconhecidos, amou enormemente, desejando melhorar suas vidas, atuando em sua formação integral.

Falamos, aqui, de uma audácia comum às pessoas comprometidas com idéias, que só entendem sua resposta a partir da luta, impregnadas de esperança, sem lugar para a desistência, mesmo que isto lhes custe a própria vida.

Assim, concluímos que Paula é, sim, agente de Educação Libertadora. A seu modo e dentro de suas possibilidades, tratou de criar meios para viabilizar uma educação que contribuísse para a construção de um homem novo, liberto de todas as amarras que o impedem de se realizar.

3. VIRTUDES DO EDUCADOR: ÓTICA FRASSINETTINA E ÓTICA FREIREANA

3.1. DIÁLOGO

*Dialogar é falar, ouvir,
comunicar, discutir e refletir.
Ninguém dialoga sozinho.
O diálogo se dá entre dois
ou entre muitos.*

Mediante o diálogo o educador conhecerá as necessidades e a realidade do educando, ou até de um povo educável. Assim, o diálogo torna-se peça fundamental para o processo de aprendizagem.

Fica claro que o eixo vertebral de toda relação humana consiste na criação de situações dialógicas sempre mais completas e verdadeiras. Num mundo “ruidoso” em que as possibilidades de escuta e de troca dialogal diminuem com extrema intensidade, urge que priorizemos as “paradas estratégicas” necessárias para manter o intercâmbio, úteis ao fortalecimento de cada um.

O estabelecimento constante de relações dialogais é um ponto desafiador e deve ser encarado, inclusive, como forma de crescimento que não deixa enveredar pelo caminho da acomodação, sinalizando para a incompletude que vai impulsionar para buscas constantes de crescimento

Exercitar o diálogo requer calma, paciência e respeito ao outro e a nós mesmos. Calma porque é preciso orga-

nizar as idéias a serem comunicadas ao outro, paciência porque é necessário saber escutar o outro, e respeito porque temos que nos despir de qualquer preconceito ou julgamento nosso e do outro, tanto para comunicar, como para escutar verdades que se podem contrapor.

Em todas as situações do contexto escolar, devemos acreditar que nossos melhores esforços, como educadores, devem convergir para a construção de um clima de proximidade, respeito e diálogo.

Em nossos estudos encontramos, em Paula Frassineti e em Paulo Freire, atitudes que os aproximam, principalmente, pela busca de ideais. Neste caso, os ideais ligados à educação se identificam desde a origem de sua vivência, enquanto educadores, até a formalização de suas opiniões. Paula, a partir da formação do Instituto, assumiu princípios e valores que nortearam sua prática educativa. Suas intuições pedagógicas concretizaram-se na elaboração das Constituições e na prática de sua vida cotidiana. Ou seja, ela, longe de buscar fundamentações teóricas, que a conduzissem a uma linha de ação, assumiu, com suas intuições, opções que a levaram a viabilizar um projeto que atendessem à realidade que se apresentava, naquele momento.

Como Paula, Paulo foi movido por uma notável intuição pedagógica. Assim, ele elaborou uma metodologia de alfabetização, ao deparar-se com uma realidade deficiente e carente tanto econômica, quanto socialmente. Paulo propõe, neste método, a construção de uma nova relação e de uma nova identidade para educador e educando, em que a aprendizagem seja mútua e permanente e a educação seja um processo de humanização.

A pedagogia de ambos nos encaminha ao diálogo como condição para a concretização da educação, como forma de encontro com o outro, num espaço onde a experiência e a sabedoria poderiam levar ao caminho da construção e da comunhão.

Quando observamos, em Paula, a adoção de uma correspondência ativa, mantida com todas as Irmãs do Instituto, verificamos que o fundamento da construção de seu projeto é, justamente, o diálogo. Escutar o outro e se fazer ouvir é condição prioritária nas relações em que a valorização da pessoa aparece como possibilidade de abertura e criação de um mundo baseado na ação-reflexão.

Não raro observamos na vida da Madre Fundadora uma disposição para perceber a diversidade das pessoas que a cercavam. Essa capacidade, ou melhor, esse sentimento de atenção para com o outro é fator principal para que se efetive uma relação dialogal de modo intenso e completo.

Convém registrar mais algumas observações acerca das Constituições de 1851 relativas a este tema. Naquele texto rico em conteúdo, o diálogo ocupa lugar de destaque (cap.VI, art. 2º e 3º) ligado ao “modo de proceder com os educandos”o qual requer equilíbrio e bom senso, prudência, imparcialidade e justiça nas relações. Em sua argumentação, encontramos realce no que diz respeito ao zelo, por parte do educador para com os educandos, respeitando sua individualidade e demonstrando sensibilidade na percepção das dificuldades, sem precipitações ou interpretações equivocadas (Princípios Orientadores da Educação Doro-teana - Província Brasil Sul/1999). É óbvio que, nessas re-

comendações, a presença do diálogo fica implícita, como viabilizadora da proposta defendida.

Sobretudo em situações de conflito, como vemos nas atitudes de Santa Paula, o que conta é o diálogo, possibilitando a aceitação do outro, evidenciando com firme suavidade a posição que queremos conquistar. Diríamos até que o conflito se faz necessário para pôr em evidência nossas limitações e nossa necessidade do outro. Graças a estas situações, serão possíveis a compreensão, a cooperação e o diálogo.

Sobre este tema é farto o material freireano que evidencia o diálogo como “o encontro dos homens mediatizados pelo mundo...” (Freire, 1987, p. 78).

Como Paula, também Paulo apresenta a prática dialógica como uma exigência existencial, possibilitadora do refletir e do agir.

Como veículo de diálogo, constatamos o substancial epistolário dessas duas pessoas, foco de nosso estudo. A prática de escrever cartas se apresenta como ferramenta possibilitadora da troca de idéias. Esta preocupação com o outro, falando com ele, ouvindo-o, fica evidente na comunicação contínua que os dois mantêm nas relações que travam.

Ouçamos de Paula, ouçamos de Paulo e reinventemos a atividade criativa e a possibilidade de todos falarem e ouvirem. Criar, respeitando o outro e suas diferenças. Criar meios de abertura para que cada educando, em suas peculiaridades, possa sentir-se amado por Deus e valorizado em sua individualidade. Que sejamos atentos ao outro, percebendo sua fala como oportunidade de partilha de saberes que se enriquece a cada palavra dada ou ouvida.

3.2. TESTEMUNHO

Testemunhar é confirmar algo, reafirmar e, acima de tudo, acreditar no que faz e nas verdades que se revela. O testemunho vai além do exemplo; ele se alia efetivamente à permanente coerência no falar e no agir. O testemunho repudia a contradição e enaltece a vivência.

Falar sobre testemunho é falar sobre a virtude essencial do educador que esteja disposto a desenvolver uma relação verdadeira com o educando, estando realmente aberto à entrega e ao encontro.

Em Paula e em Paulo encontramos a mesma convicção, ou seja, que só se pode “ensinar” para além dos conteúdos a partir do verdadeiro exemplo do educador, demonstrando assim, que transformaram em ações suas verdades. Grifamos as palavras verdadeiro e verdades para chamarmos a atenção de que se não houver convicção e crença naquilo que dizemos não o poderemos praticar. Sendo assim, como falar de justiça, liberdade, defesa dos mais fracos, seriedade, humildade, fé se o educador não estiver comprometido com estes valores que perpassam as relações humanas?

É sabido que o nosso desejo, quando nos relacionamos com os alunos, é convencê-los a acreditar no objeto de nossa exposição, sendo que o convencimento passa pela via

de um testemunhal, o qual vem fortalecer a credibilidade buscada nesses momentos.

Quanto mais vivemos aquilo que ensinamos, mais credibilidade vamos adquirir junto aqueles a quem ensinamos e com os quais também aprendemos. Validamos ou legitimamos as idéias transmitidas, na medida em que fazemos uso delas em nosso dia-a-dia.

Percebemos em Paula o incentivo ao testemunho, quando em suas cartas escreve: *“Não deixemos de aprender bem e de praticar a importantíssima lição que Jesus Cristo nos deu: praticarmos nós primeiro tudo aquilo que queremos ensinar a praticar aos outros. O Filho de Deus, sabedoria infinita, querendo extirpar do mundo o vício e arraigar nele as suas virtudes, primeiro exercitou-as Ele próprio durante três anos, e só depois as pregou e inculcou aos outros. Façamos nós o mesmo, se queremos que os nossos trabalhos sejam frutuosos”*. (Carta 98)

Desse modo, Santa Paula nos dá pistas de seu testemunho, ligado ao modo de proceder de uma educadora com seus educandos, sinalizando condutas às mestras para que as utilizassem como modelo. Modelo este de coragem, confiança e alegria que despertasse principalmente o desejo pela vida. Muitas vezes, ela tomou a frente e agiu com experiência e urgência na tentativa de modificar a realidade, apontando para o maior compromisso do educador, que é acreditar naquilo que está propondo, ou seja, entregar-se ao projeto assumido, utilizando-se como maior exemplo daquilo que se busca ensinar.

A prática exitosa está intimamente ligada à coerência existente no processo assumido e vivido diante e com os alunos. Não se trata de forçar uma demonstração de co-

erência, mas de viver, naturalmente, aquilo que dizemos adotar como prática adequada.

Segundo Paulo Freire, o testemunho é um discurso coerente e permanente do educador, evidenciando o anúncio como a melhor maneira de chamar a atenção do educando ao proposto, fomentando uma reflexão acerca da realidade social.

Percebemos também em nossos estudos que deve haver nas relações a “corporeidade do exemplo” (Freire, 1999. p.38), citada por Paulo, que nada mais é que tornar efetivo o nosso testemunho, com coragem e seriedade.

Observamos em Paula e em Paulo que, embora em época e circunstâncias diferentes, ambos nos alertam para a coragem e segurança do anúncio das coisas em que acreditamos; dos princípios e valores que julgamos serem importantes e que podem ser cultivados numa ação coerente com nossa fala. Estas semelhanças entre Paula Frassinetti e Paulo Freire vêm corroborar a noção da relação educando x educador, que queremos fazer acontecer em nossas escolas.

A presença de um educador firme, sem contradições, que assume continuamente a postura na qual acredita, é fator que imprime verdade ao contexto, provoca admiração e suscita o seu seguimento.

Há que ser forte, seguro e verdadeiro o educador que tem a intenção de imprimir no coração de seus alunos o motivo pelo qual luta e se mantém no caminho da justiça. Nesta luta há de manter a humildade, pois a causa abraçada e defendida vem de uma verdade maior que, por sua vez, emana de Deus.

Refletir sobre questões, sobre a quem se pretende servir/educar, a quem testemunhar e o que testemunhar, talvez seja o primeiro passo para encontrarmos nossa identidade, construindo um referencial definidor, que nos leve a uma prática coerente e verdadeira, assumindo, inclusive, os riscos daí decorrentes.

Convém registrar que teremos à frente um caminho árduo, com inúmeros conflitos, mas é importante que se tenha coragem, renovando-a a cada obstáculo, para assim conquistar a realização e a felicidade em servir.

3.3. HUMILDADE

Ser humilde significa reverenciar e valorizar a contribuição de cada um. A verdadeira humildade é virtude do educador que se desacomoda, luta por um ideal, pratica aquilo em que acredita, questiona sua conduta, aventura-se no novo, mantendo-se seguro, reconhecendo seu desconhecimento.

Mais uma vez, em nossos estudos, encontramos pontos comuns entre Paula Frassinetti e Paulo Freire. Com igual intensidade, ambos fazem referência à humildade como virtude indispensável ao educador.

Observamos que a humildade aparece como uma virtude a ser cultivada no cotidiano, facilitando as relações humanas e contribuindo para a valorização dos elementos aí envolvidos. É o caminho para a construção de relações fraternas, solidárias e cooperativas. Mediante isto, a humildade deve passar a ditar o comportamento humano para a conquista de um espaço, onde a aprendizagem deve tomar a amplitude de nossa própria existência, para a qual o testemunho de nosso Mestre Jesus é fonte de maior inspiração.

O que infelizmente observamos, ainda hoje, é uma carência de humildade por parte de alguns educadores, devido ao medo e à insegurança em perceber o papel de sua ignorância no contexto de aprendizagem no qual estão

inseridos, desrespeitando até a curiosidade dos educandos, assumindo assim, uma postura autoritária, de únicos detentores do saber.

A beleza da humildade está na compreensão de nossas limitações, recuando quando for o melhor a fazer. Portanto, exclui-se a ostentação ou o auto-enaltecimento. É preciso agir de modo a dar aos outros a oportunidade de reconhecerem o nosso valor. A superioridade traz consigo a revelação de uma insegurança, que reprimida ou oculta, faz emergir uma personalidade com mínima autoconfiança, fazendo da ostentação ou da arrogância um “ruído” para esconder as falhas, as fragilidades ou limitações pessoais. Deste modo conclui-se que, ao jeito de Paula, nos façamos humildes para atender e entender a todos que nos cercam, de igual maneira.

Com a humildade demonstramos o bom senso para a compreensão das situações inusitadas, colocando-nos, portanto, em plano de igualdade com os demais, possibilitando construções enriquecidas pela variedade de idéias formadoras.

Saber apreciar o que os educandos trazem para a sala de aula como saberes particulares que podem ser partilhados e acrescentar ao grupo e ao próprio educador, é virtude a ser cultivada a cada dia, a fim de fortalecer uma prática baseada na troca e no respeito mútuo, levando-nos, também, ao empreendimento de uma luta constante contra os ofensores, para obtermos o êxito em nossa caminhada, alcançando sucessivamente as mudanças sociais, tão necessárias nos dias atuais.

Em seu tempo, Paula Frassinetti foi movida pela humildade e pela coragem, quando, em muitos momentos de sua caminhada, teve a clareza de discernir até onde poderia ir, fazendo fronteiras nos momentos certos.

Percebemos na Madre Fundadora um incentivo à humildade em busca da perfeição de Cristo, quando em uma de suas cartas escreveu: *“Seja humilde, humilde com todos e em breve se encontrará livre de todos os defeitos e com domínio de si mesma. Oh! que bela vida levará em toda a parte se estiver cheia de humildade! De Jesus Menino aprenda a prática de tão bela virtude”* (Carta 556). Essas palavras nos revelam que Paula tinha consciência de que a humildade constava como forte virtude no perfil do educador-evangelizador. A exemplo de Jesus, recomendava às Irmãs que se tornassem humildes para assim perceberem suas imperfeições, transformando-as, com o propósito de valorizar suas qualidades, praticando-as, sempre, com o objetivo de beneficiar a todos.

Em outros escritos, verificamos que ela exorta as Irmãs para a humildade em conjunto com a generosidade como meios de busca do aperfeiçoamento da personalidade, animando, assim, ao compromisso com a formação pessoal numa condição humilde, que perpassasse o trabalho diário das mestras com as meninas.

Ainda em nossas leituras encontramos esse precioso fragmento: *“...o Filho de Deus se nos manifestou, fazendo-se homem e aparecendo entre nós sob a forma tão humilde, tão atraente de frágil menino!”* (Carta 98). Nesta afirmação, encontramos o maior exemplo de humildade na pessoa de Jesus

Cristo. Aquele que era o maior e se apresenta como a menor das criaturas.

Quando Santa Paula recomenda a humildade e nos mostra a fragilidade do Menino Deus, que justamente por esta aparência atinge toda a humanidade, certamente ela fala deste modelo divino com o propósito de remeter-nos para a humildade que deve permear nossa prática, colocando-nos na posição de instrumentos de Deus na construção da educação para o Reino.

É oportuno que se reflita um pouco sobre o tipo de humildade que Santa Paula recomenda. Pela observação de fatos de sua vivência, pode-se concluir que tal virtude não está vinculada a uma atitude de exagerada passividade ou acomodação, pois, não raro, observamos muita coragem e audácia em seus feitos. O próprio Jesus, que possui a humildade como uma característica marcante, também se mostra bastante incisivo e audaz, com atitudes nada passivas, diante de situações que exijam seu grito de denúncia.

Dos ensinamentos da Madre Fundadora podemos captar uma grande lição: que nos façamos presentes quando preciso e que marquemos esta presença com firmeza e decisão, fugindo à neutralidade, para isso, buscando força e coragem na proteção celeste. É um alerta para as possibilidades que a vida nos apresenta, desde que estejamos abertos e sensíveis à escuta, dispostos a aceitar, do outro, a completude de nossa busca contínua.

Vale também registrar a beleza da reflexão freireana no que se refere à humildade como virtude vinculada à coragem, à confiança e ao respeito, a nós mesmos e aos outros.

Paulo defendia a idéia de que o educador não era detentor do saber, pelo contrário, necessitava de humildade para admitir que não sabia tudo e reconhecer que o educando possuía experiência de vida e era portador de saberes.

Mas é preciso dizer que, dentro desta linha de pensamento, se pode concluir que a humildade vai além de nos colocarmos na posição da ignorância e, acima de tudo, nos coloca a cumprir um grande dever humano, qual seja, o da valorização do outro, independente de sua posição no grupo.

Fazemos referência agora à postura de abertura ao diferente que deve ser adotada pelo educador que possui a humildade como uma virtude incorporada ao seu fazer. Em contraposição ao simplório, o humilde mantém uma atitude de desprendimento às verdades absolutas, voltando-se para a diversidade de idéias, sem com isso perder sua identidade, abrindo-se para ouvir e considerar tudo o que o aluno porta consigo e se dispõe a partilhar em sala de aula. Se desprezarmos estas idéias, corremos o perigo de construir um referencial pobre, que pela unilateralidade poderá tornar-se falso, tendencioso ou até mesmo manipulador. Estas características são, portanto, contrárias a uma educação libertadora a qual tanto queremos adotar.

Tanto Santa Paula quanto Paulo Freire nos fazem um convite à vida com humildade, principalmente quando nos lembram, a todo momento, que nunca estamos prontos e que precisamos curar a cegueira da ignorância, fazendo e oportunizando escolhas, bem como descobrindo o novo, em comunhão com o irmão. Ambos nos convidam a silen-

ciar e a escutar com atenção o anúncio alheio, a acolher este testemunho e fazê-lo repercutir em nós. Não fazendo, porém, desta escuta uma manifestação de inferioridade e apatia, mas, sim, de coragem para assumir o papel de quem está disposto a construir, com o outro ou com a mediação do outro, novas verdades.

Estejamos atentos para esta qualidade sobre a qual estamos refletindo. Uma qualidade que exige muito de cada um de nós, fazendo-nos calar perante o outro e perante sua verdade, considerando e valorizando opiniões, mesmo que contrárias às nossas. Virtude que vai nos encaminhar para uma fala adequada, na hora certa, estimulando atitudes democráticas e de partilha, as quais devem permear nossa prática educativa.

3.4. AMOROSIDADE E PAIXÃO

Amorosidade é a afeição mais profunda que se pode ter pelas pessoas, coisas ou causas.

Demonstrar amorosidade em nossas relações é manter atitudes de carinho, atenção e ternura para com os outros.

O amor não se determina, nem se impõe. Ele deriva da simpatia que brota por algo ou por alguém, transforma-se em admiração, perpassa a afeição e culmina com a paixão.

Falar em amorosidade é descrever um sentimento que mobiliza e desperta o encorajamento peculiar somente àqueles que estão realmente impregnados desta disposição afetiva.

Portanto, estamos falando da amorosidade que inclui, que aconchega e oportuniza a vida, revelando a importância de seus processos geradores, que devem assumir papéis, muitas vezes, superiores aos de seus próprios frutos.

Há que se salientar que tal sentimento exige, acima de tudo, que confiemos no outro, possibilitando assim a entrega, que só será construída a partir do momento em que, nesta relação, encontrarmos humildade para a abertura e para o acolhimento, fazendo com que nasçam os vínculos solidários, elementos fundantes da relação almejada.

Pensando no trabalho do educador, fica claro que a humildade, da qual falamos no capítulo anterior, está intimamente ligada à amorosidade, que faz com que nossas

idéias sejam determinadoras de um agir coerente, evidenciando um testemunho permanente das verdades que defendemos.

O processo de ensino-aprendizagem flui significativamente somente quando conduzido com verdadeiro amor, tanto pelo que se faz, quanto por quem faz. O educador, que assim explicita seu fazer pedagógico, mostrar-se-á transparente e autêntico, oportunizando uma aprendizagem fraterna, onde o aluno ocupa lugar especial ao ser amado e respeitado por sua posição.

Parece lugar comum abordarmos a importância do amor e dos vínculos afetivos nas relações educando x educador. Contudo, não é a obviedade que queremos apresentar e, sim, a novidade que permeou a vida de Paula Frassinetti e a de Paulo Freire. A novidade que consistiu em amar, de um modo novo, seres singulares e ímpares, cada dia de suas vidas. O amor que se renovou sempre, instigado pela paixão que os moveu dentro do projeto que, então, traçaram.

Pois bem, partindo do pressuposto de que toda a relação humana verdadeira é afeto, Paula afeiçãoou-se tão profundamente a Deus, às Irmãs e ao Instituto, fazendo dele, a motivação de seu viver. Amorosamente, com firmeza e suavidade, soube dirigir a Congregação e tomar decisões determinantes para a sua vida e a dos outros, sendo exemplo às gerações atuais.

Quando Paula nos aponta para a “via do coração e do amor”, como condição para o trato com as “meninas”, nos chama para um olhar de sensibilidade e de afeto, bem como, para a responsabilidade de quem assume, com pai-

xão, a tarefa de educar. Este interesse pelo outro, valorizando-o e reconhecendo-o como parte de um contexto é a própria manifestação da amorosidade, possibilitando-lhe experimentar o forte sentimento de pertença, o qual todo ser humano almeja em suas relações.

Na Madre Fundadora encontramos a crença de que “todas as pessoas são educáveis”, revelando aí o mais profundo sentido da amorosidade e de sua paixão pelo semelhante. Fica evidente, com esta prática, que ela assume, na relação, a sublime tarefa de “aproximadora” do ser humano com Deus, fazendo-o feliz mediante a confiança no amor do Pai para consigo o que o fará crescer como pessoa, atingindo o auge da maturidade em Cristo.

Quão sublime é esta intuição que se descortina na vida de Paula. Parece-nos aproximar, em tempos tão conturbados, a resposta para tantas carências que perpassam nossa realidade. No entanto, é mister que alcancemos tal sentimento, a fim de transmiti-lo, com confiança, aos nossos educandos.

Vale ressaltar que as formas de amorosidade se traduzem por atitudes equilibradas nos relacionamentos, concorrendo para a harmonia entre a afetividade e a razão. É o que fica evidente na intuição que nos exorta à suavidade e à firmeza presentes nas correções quando forem necessárias, ocorrendo natural e saudavelmente dentro da rotina diária, oportunizando um crescimento baseado na presença de um educador democrático e amoroso, que corrige seus alunos com atitudes prudentes e cautelosas, advindas de um discernimento à luz da reflexão evangélica.

O exemplo da amorosidade de Paula ultrapassou os tempos. Seus vínculos afetivos, seu reconhecimento e valorização do próximo, que nos fizeram reconhecer quão necessária é esta virtude em nosso fazer diário. Observamos constantemente que ela, como educadora, priorizou o laço amoroso e a manutenção da alegria, mediante sua ligação afetivo com Cristo, porque tinha, como bússola de uma vida feliz, a vontade de Deus.

Não obstante, Paulo Freire nos apresenta uma dimensão da amorosidade em que educar é, acima de tudo, confiar e acreditar no educando, colocando-se como quem está para o proteger de qualquer possibilidade de exclusão, marginalização. Esta paixão pelo educando, sobre a qual nos faz refletir, leva-nos a uma defesa de uma aprendizagem em que a alegria e o prazer nunca esmorecem.

Detendo-nos mais um pouco na vida e nos escritos freireanos, temos a emoção e a alegria de ver todo o amor contido e extravasado por este educador tão singular que insiste que, além do amor aos educandos, é preciso amar o processo de ensinar, transportando sentimentos afetivos e protagonizando um mundo em que a afetividade compareça em alto grau de intensidade.

A paixão que move e impele para ações corajosas em favor dos seres amados é uma disposição que fica evidente na prática de Paulo Freire, como possibilitador de sonhos e desejos de transformação e que, pela presença contínua, torna-se um amor sólido, revelado no desejo de aprender manifestado por seus educandos. Um amor que pode ser entendido como um “amor brigão”, na medida em que

se envolve, de forma intensa, na luta pelo direito de anunciar e denunciar, buscando vida digna e abundante para todos.

A paixão de Paulo se traduz numa pedagogia do amor, geradora de autoconfiança no próprio aluno, re-significando sua esperança na educação, como veículo que o auxilia a buscar constantemente a realização pessoal, por meio do pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Esse será, então, o aluno freqüentador de uma escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida. E não a escola que emudece e me emudece.(Freire, 1995. p. 63).

Com tão pródigas idéias, concluímos que a amorosidade circundava a prática de Paula e de Paulo. Ambos eram conscientes de que, como educadores, procuravam cumprir a sua missão com força, igualdade e “boniteza” nas relações estabelecidas com os outros. Foram educadores apaixonados, que amavam um sonho, que se encantavam pela vida e só a entendiam se oferecida ao irmão, pois tinham satisfação pela descoberta e pela partilha. Os dois fizeram história expressando a amorosidade também por meio da indignação, denunciando e anunciando quando preciso. Denunciando as injustiças e anunciando uma nova realidade em busca de um mundo mais feliz.

3.5. CORAGEM

Coragem é a energia de nosso eu contra o medo. Bravura e ousadia para vencer os temores do novo.

A coragem peculiar ao educador é a virtude que remete ao ânimo indispensável na busca de conquistas.

Em muitos momentos de nossa caminhada, sentimos receio do que ainda não conhecemos. O novo é um desafio que deve ser encarado e vivenciado com o outro. O que não podemos permitir é que nossos medos nos paralizem. Devemos ter clareza de opções para podermos superar a apreensão que está em nós com segurança, confiança e coragem.

Portanto, ser corajoso é ser movido por sonhos possíveis, é buscar a concretização de ideais, opondo-se à passividade, agindo rumo às mudanças almejadas.

Santa Paula era mulher de coragem, enfrentou a autoridade de seu pai, desafiou àqueles que se opunham à formação do Instituto e ultrapassou barreiras em prol de seus ideais.

Quando verificamos as suas respostas aos conflitos e medos da época, podemos concluir que, acima de tudo, a recomendação era para que não se perdesse a coragem, mirando-se nos exemplos corajosos de Jesus, Maria e José, que enfrentaram seus medos e dilemas de maneira simples e construtiva, elevando a luta pelo alcance de seus sonhos ao lugar mais importante na superação de seus temores.

Paula comunicava-se com as Irmãs distantes e carentes de amparo por meio de cartas, portadoras estas de mensagens de confiança e esperança nas mais diversas situações.

A coragem era como uma exigência para aquelas Irmãs que a todo momento se defrontavam com conflitos, e era na palavra de aconselhamento da Madre Paula, iluminada pela luz do Espírito Santo, que encontravam o encorajamento para assumir sua missão.

Percebemos aí uma permanente preocupação com a coragem, transmitida por palavras incansáveis e propositalmente repetidas. Lê-se em suas cartas: *“Coragem! Quem combate vence, e quem não combate é vencido”* (Carta 556,5); *“Coragem e grande alegria, Deus está convosco, nada vos pode faltar”* (Carta 273,10) e *“Tenhamos coragem na nossa cruz que Deus estará sempre conosco se nós estivermos unidas a Ele”* (Carta 379,14).

Como são doces e, ao mesmo tempo, decisivas as palavras de Paula às suas queridas Irmãs, quando atribuladas pelo medo em situações de opressão.

Com relação ainda a esse tema, queremos ressaltar a coragem daquela Mulher empreendedora que assumiu seu projeto como algo caro, porque destinado à Glória de Deus e para vê-lo concluído não mediu esforços, enfrentando questões burocráticas, econômicas, sociais e relacionais, assumindo, com imensa coragem, a fundação de trabalhos pioneiros em países distantes.

Faz-se necessário frisar que esta coragem vinha exatamente da confiança em Deus, o que a fez experimentar

tranqüilidade para percorrer caminhos que, muitas vezes, traziam insegurança e temor, mas que também a impulsionavam e a tornavam mais sensível diante daquelas que eram suas Irmãs, motivo de muito zelo e preocupação. Aquelas com as quais dividiu seus sonhos e com as quais partilhou anseios de construir um projeto de educação evangelizadora.

Vale ressaltar que, com bravura, lutou por horizontes idealizados, acreditando no futuro, considerando também lições e valores do passado, sem, contudo, deixar de dar ênfase no presente à construção de projetos que eram postos em prática com humildade e ousadia.

Outrossim, percebemos que Paula acreditava que a coragem deveria ser uma das formas de estimular o processo de aprendizagem, ou seja, encorajar as educandas passava a ser uma forma de promovê-las, evidenciando a capacidade de cada uma, assim, despertando-as, para o desenvolvimento de suas competências. Procedimento comum a essa situação era a emulação, empregada com muita prudência, estimulando, até certo ponto, a competição, que assumia um caráter saudável, na medida em que oportunizava a percepção do valor de cada um, sem que isso fosse motivo de desprezo para os demais.

Aprofundando nossa análise, observamos em Paulo Freire uma abordagem direcionada para o detalhamento dos medos que perpassam a existência humana. A partir desta descrição pormenorizada, que classifica tal sentimento como algo concreto e advindo dos sonhos, naquilo que trazem de desconhecido, Paulo constrói um conceito em que

o medo é o componente principal dos desejos, os quais se nutrem pela esperança de praticá-los. Sendo assim, todo esse movimento pode ser considerado responsável pelo processo de construção da coragem, afastando a possibilidade de imobilização gerada pelo temor, proporcionando ao homem a clareza de sua estrutura fazendo-o criar formas e modos de derrubá-lo.

Trata-se, portanto, de saber lidar com o medo, explorando atentamente suas razões, justificando a sua existência e criando coragem para sua superação.

É um exercício contínuo de construção e desconstrução, de comando e de controle de processos que viabilizam uma prática alicerçada em discernimentos, que possibilitam um enfrentamento crítico das situações que nos atormentam.

Freire defendia a coragem como virtude implícita ao ato de educar. Acreditava que a ousadia do educador espargia o receio de abrir-se para o novo, para o desafio e para as conquistas. Ele era educador/transformador, consciente de que o medo de educar convivia com a coragem de transformar. Se educar é estar em processo de troca de aprendizagens, o receio de admitir não ser o detentor absoluto da verdade desperta a ousadia de tornar-se um educador cada vez melhor.

Em seus escritos, há um alerta para o entendimento de que o medo sem a coragem não leva ao crescimento, nem à mudança, e sim, à submissão. A coragem com o medo é a combinação ideal que impele para o enfrentamento das situações cotidianas, assumindo as responsabilidades que

implicam o ato de educar, recriando sonhos e compartilhando-os para a clareza de valores e virtudes, a fim de alargar passos corajosos, na direção do destino a explorar.

Dado muito importante e digno de nota é a concepção freireana que apresenta a convivência como um antídoto do medo (Freire, 1995). A formação de redes de solidariedade é, portanto, o fortalecimento de homens e mulheres, perante seus temores, imaginando saídas e alimentando a esperança de vitória e a possibilidade de se libertarem do que os impede de se realizarem, individual e socialmente.

A coragem que encontramos em Paula e em Paulo se traduz nas características de audácia e ousadia que marcaram a vida de cada um. Em tempos distintos e distantes, ambos encararam a realidade de suas épocas, como quem busca a realização de um sonho, com a coragem de quem está disposto a assumir a educação que possa ser o meio de construção de um novo homem em um mundo novo.

Os dois ponderaram uma coragem dicotômica. Enquanto Paula recomendava "*firmeza e suavidade*", Paulo discutia a relação entre *medo* e *ousadia*.

Paula e Paulo, cada um a seu tempo, ousaram na busca de ideais. Sua coragem oportunizou o anúncio de idéias e a perpetuação de ações em favor daqueles cujas necessidades foram reconhecidas e atendidas.

4. ANÁLISE DO ESTUDO DAS RAÍZES E DA PRÁXIS FREIREANA

CONSTITUIÇÕES – 1851/ da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia da Frassinetti (Textos relativos à educação)

Trata-se de estudo realizado com Irmãs e leigos da Província Brasil-Sul, com o propósito de re-visitar as origens da Congregação e as intuições fundacionais de Santa Paula, para assim promover a re-significação da Missão Evangelizadora no campo educacional e religioso, de maneira coerente com a inspiração que originou o "Instituto".

Na oportunidade, foi criado um documento específico da Província Brasil-Sul, relacionando pressupostos metodológicos, à luz das idéias e ideais de Santa Paula Frassinetti, com adaptação aos novos contextos, a partir da redefinição do eixo vertebral da ação doroteana.

EDUCAR PARA NÓS... – 1991/ elaborado por uma equipe internacional de Irmãs, com base em sugestões dadas pelas províncias, objetivando o restabelecimento de uma uniformidade de pensamentos e ações, a partir dos textos fundacionais (Constituições – 1851/1889 / regulamentos e algumas obras).

O "Educar para nós" apresenta-se como um texto-ideário que objetiva retomar pontos que, com o passar dos anos, foram se diluindo na prática doroteana e que, por

revelarem o espírito da Congregação, deveriam ser re-significados à luz dos documentos fundacionais do “Instituto” e transportados para os tempos atuais, de maneira a constituírem um referencial, destinado a todos os campos de atuação da Congregação.

Ainda dentro do projeto de estudos das fontes e das raízes, Irmãs e Leigos tiveram a oportunidade de, uma vez mais, analisar e refletir sobre o rico conteúdo do referido texto que em 1991 foi apresentado a toda comunidade doroteana.

4.1. PRINCÍPIOS ORIENTADORES DA EDUCAÇÃO DOROTEANA E SUA CORRELAÇÃO COM OS PRINCÍPIOS FREIREANOS:

EDUCAÇÃO CRISTÃ

A EDUCAÇÃO CRISTÃ tem como base de tudo Deus, apresentando o Coração de Jesus como fonte de todas as graças. Essa é responsável pela formação e priorização dos valores humanos na sociedade. Está voltada às necessidades do homem como parte importante do projeto de Deus e assume como modelo, Maria.

Mostra uma perfeita justiça para com todos, respeitando as diferenças individuais e construindo relações saudáveis entre educandos e educador à luz do Evangelho.

(Cap IV, artigos 1, 2, 14 e 15)

A RELIGIÃO é a base e o fim da educação, ocupando lugar de destaque em todo o currículo. O estudo e a prática da religião estarão presentes como suportes das personalidades que se quer formar.

(Cap. IV, artigo 5, cap.IX, artigos 1 e 2)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

SEGUNDO PAULA...

A educação cristã assume, como sua maior missão, a responsabilidade pela formação e a priorização dos valores humanos na sociedade. Valores como a *justiça para todos* e o *respeito às diferenças* são revigorados numa prática à luz do Evangelho, em que o homem é considerado como parte importante no projeto de Deus.

PAULO...

Era um crente católico e também um homem de fé, nisso se apoiou para dar mostras de seu compromisso social, evidenciando, em sua época, uma disposição incomum, na medida em que compreendeu sua missão cristã como uma luta pela construção de uma educação justa e igualitária.

Nessa prática, inclui-se, é lógico, o compromisso com a restauração de valores humanísticos que concorrem para o reconhecimento do homem como centro do projeto de Deus.

EDUCAÇÃO PARA A VIDA

A EDUCAÇÃO PARA A VIDA inclui a formação integral dos educandos, mostrando-lhes a necessidade de se conduzirem de acordo com a fé e a razão, despertando a consciência social para assumirem-se, com olhar crítico, investido de dignidade, responsabilidade e esperança, rumo a uma sociedade justa e igualitária.

(Cap. IV, artigo 12.)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

SEGUNDO PAULA...

A educação para a vida é incluída como um componente da educação integral, onde o educando é conduzido a fazer uso harmonioso da fé e da razão, diante dos acontecimentos.

Fica aí implícita uma mensagem voltada para o despertar da consciência social que levará o educando por caminhos da dignidade, da responsabilidade e da esperança, rumo a uma realidade social impregnada de sentimentos, de fraternidade e de justiça.

Também neste princípio, pode-se observar a recomendação para o desenvolvimento de trabalhos práticos, aliados a uma teoria que compreenda noções de vida digna e saudável, conquistada por esforços próprios.

A visão da realidade, com suas dificuldades e armadilhas, é proporcionada pela reflexão e pela adoção de práticas que permitam uso adequado do tempo em ações benéficas.

PARA PAULO...

A educação para a vida é aquela que desperta para a crítica e para a consciência social. Em sua filosofia e metodologia, apresenta uma educação que encaminha para a humanização de homens e mulheres, no sentido de oportunizar-lhes a compreensão das manifestações da sociedade, no que diz respeito às suas próprias vidas.

Trata-se de uma educação prática, formadora de homens e mulheres cidadãos, capazes de lutar por seus direitos a uma vida digna e melhor, resgatando a figura do indivíduo apto a viver e conviver, transformando a sociedade, tornando-a verdadeiramente democrática no exercício social e político de cada um. Lugar onde se façam presentes a inclusão, o respeito e a valorização das diferenças.

Em seu método, propõe um processo de alfabetização em que todo o ser humano esteja livre para ler não somente a palavra, mas o mundo circundante. A leitura da palavra precede a leitura do mundo. Portanto, na visão de Paulo, a educação é um compromisso humano e social, que encaminha os sujeitos ao crescimento pessoal e, assim, ao crescimento da sociedade.

ESCOLA

A ESCOLA é um lugar privilegiado para a educação integral do educando, que, em sintonia com a Igreja, desenvolve um trabalho imprescindível, criando condições para um verdadeiro crescimento do homem.

(Cap. VII, artigo 1)

A ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS prevê o controle, através de registros de dados, da movimentação da Comunidade Escolar, bem como de observações e acompanhamentos da caminhada do educando, dando conhecimento aos pais do progresso na virtude e nos diversos estudos.

(Cap.V, artigo 5)

O AMBIENTE ESCOLAR, tendo em vista a saúde, é organizado, obedecendo a critérios de funcionalidade e higiene, contribuindo para o acolhimento e o bem-estar de todos.

(Cap. V, artigo 4; cap. VIII, artigo 13; cap. IX, artigo 2)

OS CURRÍCULOS E PROGRAMAS contemplam a formação intelectual, lingüística e os valores artísticos a serem viabilizados de acordo com a realidade, circunstâncias e condições dos educandos, tendo como referencial os princípios religiosos presentes na Pedagogia do Evangelho e na Vocação da Congregação.

(Cap. IV, artigos 17 e 18)

A BOA ORDEM é imprescindível em todos os momentos, pois o silêncio produz a tranqüilidade, assegurando o bom andamento das propostas.

(Cap. VI, artigo 11; cap. X, artigo 3)

A SAÚDE é objeto de cuidado, visando a harmonia do corpo e da mente para um melhor andamento das atividades empreendidas.

Os trabalhos serão distribuídos a fim de se evitar o acúmulo e a exaustão, tornando assim o dever cumprido, salutar.

(Cap. VIII, artigo 7)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

PARA PAULA....

A escola é o lugar onde acontece a educação integral. Um ambiente perpassado por sentimentos positivos que possibilitem o crescimento do educando, contribuindo para que alcance o auge da maturidade em Cristo.

No aspecto físico e organizacional, a escola será espaço de organização, com cuidado rigoroso sobre os registros do que aí ocorre, a fim de assegurar o aproveitamento máximo do que oferece. No tocante ao detalhamento de seus registros, haverá lugar de destaque para observações qualitativas sobre a caminhada do educando, sendo as mesmas constantemente informadas aos pais.

O ambiente físico apresentará condições favoráveis ao estudo, com instalações funcionais, bem arranjadas, propiciando bem-estar para a comunidade educativa. Uma escola limpa e agradável aos olhos torna-se um lugar atraente e possibilitador de convivência saudável.

Aos currículos e programas deverá ser dispensada uma atenção especial para que viabilizem uma proposta de integralidade com o desenvolvimento da formação intelectual, paralelo à formação linguística e artística, frisando-se bem que o referencial para sua concretização é a Pedagogia do Evangelho e a filosofia da Congregação.

Também ao "ambiente psicológico" deverá ser dispensado igual cuidado, dosando-se muito bem o tipo de atividades, que deverão variar sem, contudo, tornar confuso seu aproveitamento. Há que se procurar atender as necessidades das educandas, sem deixar de levar em conta o

que se deve possibilitar a elas para que cresçam na fé e no conteúdo religioso.

Neste contexto de trabalho variado e intenso haverá consideração sobre o cuidado com a saúde de cada um. Manter ocupados os educandos, distribuindo tarefas de acordo com suas possibilidades físicas e psicológicas.

PARA PAULO...

A escola ideal é aquela em que o imobilismo não tem lugar. É um espaço em que os indivíduos se arriscam, sem medo, rumo ao conhecimento e ao seu crescimento, enquanto pessoas. Enaltece os diferentes saberes, na diversidade, contribuindo para o desenvolvimento de cada um e de todos, ligados, direta ou indiretamente, a esta instituição.

Quanto ao ambiente escolar, Freire faz citações sobre uma escola bonita e alegre, com materiais pedagógicos adequados a todos, com profissionais especializados e bem remunerados e com um espaço em condições de trabalho.

A Escola é desafiada a buscar a elaboração de um currículo que tenha como eixo a humanização, propondo práticas pedagógicas a serem vistas como a ação de sujeitos comprometidos entre si.

É importante que os conteúdos sejam continuamente selecionados e organizados, a fim de atenderem às necessidades vitais dos sujeitos envolvidos no processo, sejam essas necessidades físicas, psíquicas ou sociais.

Que seja, portanto um lugar, onde todos possam criar, falar, escutar, amar, criticar, conflitar, interagir e crescer juntos.

A O R A Ç Ã O

A O R A Ç Ã O é o meio mais poderoso para a construção e manutenção dos fundamentos sólidos da fé. Que ocupe lugares determinados, permeando todos os momentos de nossa ação educacional, conduzindo ao conhecimento do amor de Jesus Cristo.

(Cap. X, artigo 2)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

PARA PAULA...

“Com a oração tudo se obtém e tudo se vence” (Carta 331, 5). Podemos concluir que tal gesto deve ser a prática de vida de todo aquele que crê. Portanto, impregnar nosso fazer diário de momentos de oração é procedimento muito recomendável para que se fortaleça o conhecimento e o amor a Jesus Cristo.

Rezar em diferentes circunstâncias, mediante atitudes orantes, que por sua sublime intenção a outros contagiem, é maneira comum aos cristãos que buscam harmonia e coerência entre seus princípios e sua prática.

Ao fazermos o bem, aos sermos justos e ao olharmos o próximo como destinatário de nosso amor e serviço, estamos vivendo em constante oração, mesmo que nesses momentos a formalidade do ato não fique evidente.

Quando Paula exorta à oração, ela quer que adotemos o diálogo com Deus como meio de vida, como proce-

dimento agregado a todo o nosso fazer. Assim, ficam explícitos o seu cuidado e o amor ao próximo mediante essa recomendação julgada por ela o maior conselho que se pode receber. Esta posição é facilmente entendida, vinda de uma pessoa tão cara a nós.

EM PAULO...

Não encontramos claramente algum elemento que denote momento de oração formal.

Mas ao olharmos sua vida e sua maneira de viver, podemos fazer uma leitura de aspectos orantes em sua existência. Diante de tanta coragem e de tanta obstinação, só podemos concluir que este homem, reconhecidamente crente, deve ter dobrado os joelhos muitas vezes diante d’Aquele que detinha todos os valores pelos quais ele lutava.

Para nós fica claro que um educador, que amou profundamente o ser humano em todas as suas peculiaridades, sustentou com sua prática a vontade de Deus, tão buscada por Paula.

Quando vemos sua luta por condições melhores para aqueles a quem a sociedade desconsidera, estamos diante de um homem que vive intensamente os valores do Reino, com atitudes muito evangélicas, mesmo que não tenha feito da oração uma prática a ser alardeada. Certamente, Paulo tinha convicção evangélica, anunciada por Matheus(7,8) “pedi e vos será dado”, pois sua luta transparece muita fé e esperança na providência divina.

A MULHER

A MULHER destaca-se na sociedade pelo vínculo familiar que ela mantém na condição de transmissora, às gerações, do conhecimento, do amor e da prática da religião.

Na sua educação busca-se a coerência entre o testemunho e o diálogo, o espírito de caridade e o equilíbrio entre o real e o ideal para que ela cumpra seus deveres no mundo.

(Cap. IV, artigo 2º)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

PAULA...

Cultivou um extremo zelo com relação ao trabalho com “as meninas”. Observa-se que Santa Paula depositou grande confiança na formação feminina como meio eficaz de criar mulheres conscientes de seu papel social.

Dadas as características históricas, culturais e sociais, percebe-se o papel secundário da mulher, certamente imposto por decisões masculinas. Mas, mesmo com este panorama, Paula deposita na mulher grandes responsabilidades, como a manutenção de vínculos familiares positivos, transmitindo às gerações os valores que possibilitarão a construção de uma sociedade onde predomine o amor, alicerçado numa prática religiosa verdadeira.

Há destaque para um investimento considerável no que tange ao desenvolvimento de uma educação voltada para a construção de vivências que combinem testemunho

e diálogo, caridade e justiça, bem como uma noção clara entre o real e o ideal.

Hoje, quando a Congregação assume uma preocupação grande com a realidade das minorias oprimidas, encontramos a mulher como uma porção significativa, vítima deste preconceito, que a impede de crescer e viver dignamente.

Para este contexto ainda se fazem adequadas as reflexões e conclusões da Madre Fundadora. Mesmo em tempos distantes, observa-se o quanto ela anteviu a importância da mulher dentro do mundo, recomendando às Irmãs um agir muito atento na condução de princípios para a educação feminina.

PARA PAULO...

É de grande importância o resgate da essência da educadora, utilizando-se da figura da mulher para apresentar ao público, o exemplo de educador. Suas virtudes são modelos para uma prática a ser assumida por homens e mulheres.

Como cidadã de uma sociedade ainda preconceituosa, a mulher é discriminada, destinada a realizar seu papel na sombra dos homens. Como reconhecimento dessa condição, observamos nos textos freireanos uma referência especial a ela, valorizando sua situação de trabalhadora, professora, educadora e cidadã. Um ser social e histórico, pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de sonhos.

Paulo ressalta a sensibilidade da mulher/educadora quando diz que seu olhar deve estar atento “ao mais ino-
cente dos movimentos dos alunos, à inquietação de seus
corpos, ao olhar surpreso, à reação mais agressiva ou mais
tímida desse aluno ou aluna” (Freire, 1995. p. 67).

O olhar feminino é um diferencial na construção das
relações humanizantes. O sentimento materno, inerente a
toda mulher, aflora na aproximação do ser em construção.

A OPÇÃO PELO JOVEM E PELO POBRE

A OPÇÃO PELO JOVEM E PELO POBRE revela-se no cui-
dado com sua educação e instrução como objeto muito par-
ticular de caridade e zelo por parte das escolas.

(Cap. VII, artigo 1)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

PARA PAULA...

Tanto nas Constituições, quanto em outros escritos,
toda a ação apostólica e pedagógica, deve estar dirigida ao
jovem e/ou ao pobre, como destinatários de seus cuidados.

Em um cenário político-social conflituoso, ergue-se
a Madre Paula, propondo uma prática de total atendimen-
to às jovens e aos pobres, estes últimos como a porção mais
cara ao Coração de Jesus.

Durante o seu trabalho fica evidente o trato amoro-
so e zeloso para com a juventude e para com o pobre.

Várias propostas de trabalho lhe foram oferecidas,
as quais, por vontade de servir ao irmão, acolheu e viabili-
zou, fazendo permanecer em seu projeto, o firme propósi-
to de dedicar-se à educação dos jovens, bem como de aten-
der à camada pobre que circundava sua realidade.

Apesar de não haver um projeto de transformação
político-social claramente definido porque a época não o

permitia, nota-se o descontentamento de Santa Paula com relação à realidade antievangélica, na medida em que se mostra atenta e disposta a ajudar aqueles que são vítimas da injustiça. A partir da luta para manter suas escolas, evidencia-se a grande esperança em construir uma nova sociedade, onde os valores do Reino comparessem com o destaque merecido.

PAULO...

Determina, com clareza, sua opção de viabilizar uma proposta educacional inclusiva. Ao organizar seu método de alfabetização, teve como objetivo atingir jovens e adultos que não tinham condições de freqüentar a escola no tempo certo. É oportuno dizer que, por tal atitude, podemos concluir que a proposta de Freire está calcada na opção pessoal de atendimento aos jovens e aos empobrecidos.

Sua prática denota o desejo de que todos possam usufruir dos mesmos direitos, exercendo, assim, a cidadania consciente. Para tanto, é fundamental que a sociedade assuma o compromisso de desenvolver, igualmente, jovens, homens e mulheres, independente da classe social a qual pertença.

Em sua trajetória de educador comprometido com a transformação social, Paulo deixa claro seu posicionamento em favor das massas manipuladas politicamente. Sua luta é social, política e humanitária.

AS NOVAS POBREZAS E OS NOVOS VAZIOS VITAIS

AS NOVAS POBREZAS E OS NOVOS VAZIOS VITAIS são também objetos de atenção por parte das escolas a fim de incidirem um trabalho específico que possibilite a valorização da ética e o predomínio do ser sobre o ter.

(Cap. IV, artigo 13)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

PAULA...

Caracteriza em sua obra detalhadamente, novas pobreza e vazios vitais. Claramente ela descreve os males de seu tempo, no intuito de afastá-los daquelas que são objeto de seu trabalho.

Podemos analisar o quanto são pertinentes seus conselhos relacionados: ao desprezo do mundo e suas vaidades, aos prazeres mundanos, às ostentações do mundo material, à escravidão da moda, aos perigos dos divertimentos fúteis. Diante daqueles vazios que impulsionavam o homem para uma ausência total de sentido da vida, percebemos a preocupação de tão valorosa mestra, sugerindo detalhadamente uma prática baseada no amor e na convivência fraterna como meios de combate ao que se deve repudiar.

Em tempos pós-modernos, os vazios se multiplicam, se apresentam com apelos veementes, tentando o homem. Somente uma educação primorosa, voltada para a sensibilização e para a conscientização, poderá reverter a ida para

o abismo vazio de sentido e significado que, ilusoriamente, atrai. Em Santa Paula encontramos já a preocupação com esta problemática. E procuremos praticar seus conselhos a fim de humanizarmos nosso mundo, dando a conhecer ao nosso jovem o sentido mais profundo de sua existência, uma vez incluído no Plano de Deus com responsabilidade de protagonizar sua história.

PARA PAULO...

Fica cada vez mais nítido que um dos grandes entraves para o desenvolvimento de uma sociedade, formada por cidadãos verdadeiramente autônomos é a falta de lucidez para pensar, posicionar-se e decidir, determinando, assim, grandes vazios/espacos que passam a ser preenchidos de maneira desesperadora e inseqüente, trazendo prejuízos à formação humana.

O homem, enquanto ser inconcluso, expõe sua fragilidade contínua, traduzida por vazios temporários ou constantes. Cabe ao educador um "que fazer" permanente, no sentido de conduzir o educando à escolha de preenchimento daqueles vazios com ações conscientes voltadas ao "ser mais".

As lutas e as realizações de Paulo Freire subentendem o desejo imanente de libertação do povo escravizado pela falta de informação, ocasionada pela carência de oportunidades, pelas deficiências de educação, de saúde, de emprego, moradia e alimentação.

Como meio de combate a esta realidade opressora, Paulo propõe a humanização como caminho, onde homens e mulheres possam tornar-se conscientes de si próprios, de sua identidade.

A FAMÍLIA E A ESCOLA

A FAMÍLIA E A ESCOLA acolhem-se com caridade. A família é recomendada para que ajude, com bons exemplos, seus filhos. A escola, prudentemente, aconselha no que julgar mais útil para o bom resultado do processo educativo. (Cap.VII, art.12)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

PAULA...

Dispensa uma particular atenção às famílias das educandas.

Estabelecer vínculos entre a escola e o núcleo familiar parece ser uma prática que vem reforçar a intenção de formar pessoas íntegras e fiéis a Deus.

Fica claro nos textos das Constituições de 1851 que há necessidade de objetivos comuns entre as referidas instituições, pois tal rotina contribuirá para o bom andamento da educação desejada.

Especificando-se um pouco mais a abordagem, pode-se comentar também, a importância da criação de um ambiente familiar na escola, com uma atmosfera simples e cordial que contribua, sobremaneira, para o equilíbrio na educação do coração, do espírito e da mente.

PARA PAULO...

A família ocupa lugar singular dentro do contexto escolar. Família e escola devem se complementar, pois a

educação partilhada na escola é legitimada pela família, na medida em que esta apoia e se envolve no processo educacional percorrido por seus integrantes.

Numa proposta de educação para a humanização, a família é o elemento que contribui diretamente para a re-significação de valores que perpassam o íntimo da vida dos sujeitos.

Paulo não concebia uma escola estagnada ou distante da realidade circundante. Ele sonhava com uma escola comprometida com o cotidiano dos educandos e aberta aos acontecimentos do dia-a-dia. A família desses educandos integrava esta realidade, por isso era imprescindível que houvesse o crédito da mesma para com o trabalho realizado na escola.

O EDUCADOR LEIGO

O EDUCADOR LEIGO conhece perfeitamente a essência das coisas que ensina, atentando para a diferença entre o instruir e o educar. Tem convicção que educar é algo mais, é capacitar o educando para que alcance o seu fim último, sua realização como pessoa, mediante ações livres e moralmente retas. É testemunho fiel da Filosofia da Congregação como "instrumento de misericórdia", perante seus educandos. Fundamenta seu agir na Pedagogia do Evangelho. (Cap. VI, artigo 7)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

OLHANDO PAULA...

O aspecto mais encantador de suas intuições pedagógicas é a versatilidade com que transitam as idéias de um século para outro, sem comprometimento algum de sua pertinência para o contexto educacional da atualidade.

Com relação aos educadores, verificamos muita aplicabilidade em nossa prática atual.

Observa-se nas recomendações de Paula aos docentes uma preocupação significativa acerca da segurança do educador, no que se refere ao domínio das noções a serem transmitidas aos alunos.

Os procedimentos a serem utilizados nas aulas deverão ser previamente pensados para que se conduza o processo de maneira objetiva, clara e precisa, buscando a transmissão proveitosa da mensagem.

Contudo, que essa transmissão não seja acompanhada de um sentimento de superioridade, fruto de um orgulho em deter o saber para o enaltecimento próprio. Portanto, ensinar com sabor de partilha, de doação e entrega ao irmão, fazendo-se instrumento de Deus na construção do Reino, é caminho a ser percorrido pelo educador doroteano.

PARA PAULO...

É educador aquele que tem a capacidade de colocar-se no lugar do outro e a seu serviço, valorizando o conhecimento que o outro traz consigo, acreditando que cada um é capaz de assumir e partilhar suas aprendizagens, para assim, promover a todos.

Outro aspecto interessante é a abordagem sobre o compromisso do educador, que não deve limitar-se aos saberes, privilegiando, sobretudo, o desenvolvimento de sentimentos e emoções, o favorecimento do olhar sobre o outro e do olhar sobre o mundo, levando o educando à consciência de seu papel num contexto social mais amplo e significativo.

A responsabilidade assumida pelo educador exige uma prática alicerçada na teoria que fundamenta os "que-fazer", repensando os saberes cristalizados, a fim de atender às especificidades da realidade em que se está inserido. Os conteúdos, as didáticas, as metodologias e as avaliações estarão em consonância com o princípio de ensinar aprendendo, validando uma educação que tem como ponto marcante o aluno, enquanto pessoa, que deve ser respeitado e

valorizado em suas capacidades, assim atendendo às necessidades mais sensíveis e humanas, do sujeito.

Cabe ainda comentar que, para Freire, o educador só estará sendo ético em sua função, quando deixar de fazer da educação um simples treinamento e, passar a ser formador de caráter, agindo com coerência, com humildade, com respeito à autonomia do outro, com tolerância, com alegria, com esperança, com diálogo e, principalmente, com o reconhecimento de que a educação é uma utopia que se renova a cada dia, movendo educando e educador para uma busca constante de fraternidade e de justiça.

O MODO DE PROCEDER COM OS EDUCANDOS

O MODO DE PROCEDER COM OS EDUCANDOS requer equilíbrio, bom senso, prudência, imparcialidade e justiça nas relações. É importante que o educador tenha zelo pelo seu aluno, respeitando a sua individualidade e demonstrando sensibilidade na percepção das dificuldades. Convém que aja com respeito e sem precipitações ou interpretações equivocadas.
(Cap. VI, artigos 2 e 3)

A VIGILÂNCIA é constante na relação educando-educador em função dos valores do mundo consumista, impregnado de apelos hedonistas.
(Cap. VI, artigo 3; cap. VIII, artigo 11)

REPREENSÃO COM MODERAÇÃO está presente nos momentos em que se faz necessária, com objetividade e adequação na mensagem. "Faça-se uma sábia descrição no uso da palavra, calando-se quando não for preciso falar e falando quando somente for necessário."
Na correção das faltas, há o cuidado de agir com fraternidade, coerência e justiça, buscando uma disciplina não punitiva, e sim construtiva.
(Cap. V, artigo 1; cap. VI, artigo 4; cap. VII, artigo 6)

A EMULAÇÃO é empregada com muita prudência, a fim de estimular uma competição sadia, fazendo transparecer a importância de cada um, seus valores e suas diferenças. Cabe ao educador despertar em si o desejo de ensinar, para que o educando seja feliz com a sua aprendizagem. E se torne satisfeito com a sua conquista, beneficiando-se dela sem que isso seja motivo de desprezo para com os demais.
(Cap. VI, artigo 5)

continua

A SUAVIDADE E A FIRMEZA são atitudes presentes com equilíbrio no trato com o educando, buscando a harmonia entre a afetividade e a razão nas relações.

Não se descuide a correção quando for necessário; contudo, que seja algo natural e saudável dentro de princípios de autoridade, sem recorrer ao autoritarismo.

(Cap. VI, artigo 11; cap. VIII, artigo 3)

O ENTRETENIMENTO com os educandos é um momento importante de crescimento pessoal, sendo necessário ter muita prudência, discernimento e cautela. É preciso que seja interessante e atrativo às tendências naturais dos educandos, segundo a idade, capacidade e condição.

(Cap. VI, artigo 10)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

PARA PAULA...

A recomendação primeira é sobre a imparcialidade que contribui para estruturação de relações justas e honestas.

Com muita sensibilidade, Paula exorta ao tratamento fraterno e amoroso que deve permear o encontro entre educadores e educandos.

Há que se considerar a honestidade com que devemos assumir a educação de pessoas a nós confiadas por famílias que partilham conosco o dever de conduzir seus filhos no caminho do bem.

Ver os educandos indistintamente, acolhendo-os num clima de justiça e imparcialidade é objetivo que herdamos dos princípios fundacionais da Congregação que,

em tempos remotos, preconizou a inclusão como modo imprescindível de proceder com os educandos.

Ainda a esse respeito, pode-se concluir que o mandamento máximo de Cristo é também o mandamento máximo para a relação educacional. Amar a todos que de nós se aproximam torna-se prática constante ao educador doroteano. É obvio que este amor imenso traduzir-se-á em um cuidado extremado, em uma atenção contínua, buscando orientar para ações que concorram para formação integral.

Como meios de correção que se utilize a repreensão moderada. Aquela que traduza uma correção fraterna. Diante dos conflitos, Paula chama a atenção para a postura de ação-reflexão-ação com atitudes ponderadas, olhar fraterno e amoroso que conduzam à ordem e a tranqüilidade.

Também no processo de ensino-aprendizagem haverá lugar para emulação, ressaltando-se ser este um procedimento a ser empregado com grande prudência. Devemos encontrar a medida certa do estímulo e do reconhecimento “premiado” para que não se critique e humilhe aqueles, que naquele aspecto, não tenham se destacado. Pelo contrário, a diferença pessoal, revelada por dons diversos, fará a riqueza das relações, a partir da valorização de todos e de cada um.

PARA PAULO...

Os educandos devem ser, acima de tudo, respeitados como pessoas, que possuem experiências vitais que enriquecem, sobremaneira, as aprendizagens.

Ressalta-se a importância do acolhimento do educando no ambiente escolar, fazendo com que se estabeleçam e fortaleçam os vínculos positivos com todos os que estão envolvidos no processo educacional.

Portanto, há de se levar em conta as aprendizagens que os educandos já trazem consigo, valorizando-as e partilhando-as com os demais, pois isto leva ao conhecimento de diferentes realidades e provoca a reflexão e o julgamento de novas verdades.

Para Freire, ter atitude de escuta perante os educandos, escutar seus anseios e clamores é uma maneira de formá-los socialmente, preparando-os para transformarem, politicamente, a sociedade. Ao defenderem suas idéias abrem-se ao diálogo e organizam-se para lutar por seus direitos e deveres, com entendimento de suas ações.

Nesse contexto o educador assume a função de provocador, de estimulador e de facilitador na busca do conhecimento, estando sempre presente com o educando, na posição de mediador, na relação do sujeito com o objeto a ser conhecido.

Deste modo oportunizará uma vivência democrática que venha a reforçar a capacidade crítica e a curiosidade, trabalhando com firmeza à insubmissão e com suavidade, mostrando que toda a relação humana exige cumplicidade e afeto.

A VIA DO CORAÇÃO E DO AMOR

A VIA DO CORAÇÃO E DO AMOR é a ação evangélica presente em todas as relações, embasando um estilo de serviço que gera confiança, abertura e disponibilidade para o verdadeiro crescimento da pessoa.

(Cap. V, artigo 3; cap. VI, artigo 9; Cap. VII, artigo 6)

(Princípios da Educação Doroteana – Província Brasil Sul / 1999)

PARA PAULA...

Quão suaves e ternos devem ser os caminhos a serem trilhados para que se efetive a educação como uma ação verdadeiramente evangélica.

Na ternura maternal de Paula, observamos a profundidade de intenção e ação que permeiam o encontro com os educandos.

Quando vemos a proposta da Madre Fundadora calçada no mandamento máximo de Jesus Cristo, somos animados e conscientizados de que estamos envolvidos em um projeto de educação evangelizadora.

Não há, portanto, necessidade de maior sofisticação em nossos recursos metodológicos. Há que ser simples nossa ação pedagógica, bastando que carregue, como ferramenta principal, a amorosidade.

Touchar cada coração, alimenta-nos com sentimentos positivos é educar para a fraternidade e para a justiça, com as quais cada um será capacitado para viver e conviver, além

de investir em sua formação com a presença dos Valores do Reino.

PARA PAULO...

A amorosidade deve ser destacada como uma qualidade indispensável ao educador, fica evidente que a presença do amor é condição básica nas relações. Amor que deve ser abundante, convidando à prática da inclusão irrestrita, sem dar lugar para parcialidades ou preferências.

Paulo caracteriza a amorosidade como abertura de coração e disponibilidade para acolher o educando com seus saberes diferenciados e sua cultura diversa.

É importante se pontuar a necessidade de clareza, por parte do educador, para não deixar que seu afeto interfira no cumprimento ético de sua função. Por exemplo, ao avaliar o educando, levar-se-á em conta uma observação justa e isenta de qualquer sentimento de preferência por este ou por aquele aluno. Esta atitude evidenciará o amor justamente pela adoção de critérios justos e verdadeiros.

Quando se analisa mais demoradamente o amor na prática proposta por Freire, conclui-se que este sentimento manifesta-se, acima de tudo, por uma expressão gritante de sua opção pelo empobrecido que clama por afeto, o qual será traduzido, no entendimento de Paulo, pela manifestação de sua indignação em favor daquele que necessita de defesa e de justiça. Fica, então, claro que os caminhos do amor compreendem passos de anúncio e de denúncia em prol da igualdade e da inclusão.

4.2 EDUCAR PARA NÓS... EDUCAR PARA PAULO

Constantemente somos convidados a reler o texto "Educar para Nós...", buscando referências que baseiam a educação evangelizadora com a qual nos comprometemos, mediante ações formadoras e transformadoras.

Lendo nosso ideário pudemos encontrar pontos comuns entre suas colocações e as idéias de Paulo Freire que temos intensamente estudado.

Continuando nossa conduta de análise, constatamos que as referidas semelhanças ficam evidentes quando observamos a explicitação do Carisma das Dorotéias que contempla, com extrema relevância, o serviço ao crescimento integral da pessoa. Este ideal encontra eco na prática freireana, pois que esse educador calca sua práxis na formação de pessoas que, pela possibilidade da leitura do mundo, tornar-se-ão plenas, porque cientes de seus direitos e deveres, bem como possuidoras de um saber que lhes capacita à partilha com seu meio circundante, ao invés de isolá-las e torná-las detentoras egoístas, de conhecimentos. O que, sem embargo, concorrerá para a integralidade de sua formação.

No tocante à descrição do perfil de Paula, em nosso texto de estudo, verificamos a doação como ponto central de uma prática que impulsiona a percorrer os caminhos do coração e do amor.

Quantas vezes concluímos que Freire se doou também por inteiro àqueles que eram os destinatários de seu

serviço, manifestando uma disposição contínua de formar comunidade e nela exercitar sua postura profética, como a Madre Fundadora tão bem viveu, agregando pessoas em torno do ideal de recriação de um ambiente familiar que oportunizasse a vivência do amor e da confiança.

Quando lembramos uma das considerações mais fortes de Freire sobre a educação: "Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo. As pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo" (Freire, 1995) entendemos que no ambiente familiar, a presença da escuta e do diálogo, o clima de amorosidade recomendados por Paula, são fios condutores de uma educação interativa, permeada por atitudes fraternas, onde a convivência é fator preponderante, uma vez que enriquece a construção do conhecimento.

Há no texto "Educar para Nós" uma abordagem detalhada de características do mundo atual que pressupõe a preocupação da educação doroteana em ajustar-se ao contexto mundial, uma vez que, ao estarmos nele, somos responsáveis pelo andamento de seus acontecimentos.

Deste modo, cabe ao educador comprometido com a educação evangélico-libertadora viabilizar um serviço em que haja a presença constante da alegria e da esperança, dando sentido à vida de cada um, que, mediatizado pelo mundo, participará do processo educativo, que se efetivará pela troca e respeito mútuos.

Como já assinalamos antes, nossas experiências nos permitem ver que há também uma grande interferência social na educação, mas, apesar disto, existe uma demora na compreensão de que muitas dificuldades encontra-

das estão relacionadas a esses fatores sociais e não somente às divergências de opiniões dos diferentes agentes educativos.

Percebe-se, portanto, a necessidade de momentos de troca, onde todos possam se fortalecer e crescer juntos, avançando na produção de novos conhecimentos e buscando alternativas de como enfrentar os problemas do mundo. Esta troca poderá ocorrer mediante um espaço, onde haja interação de pensamentos, em que se critica e se é criticado, constituindo, assim, laços de confiança. Um espaço para a discussão das vantagens e das dificuldades advindas das intervenções sociais na educação e, a partir desta abordagem, construir novos saberes, qualificando, assim, as propostas da intervenção.

Se procurarmos arrolar as atitudes imprescindíveis nas relações humanas apontadas por Paulo Freire, veremos o quanto se aproximam daquelas que vemos citadas no "Educar para nós". Esta comunhão de idéias deriva de ideais contíguos presentes nas intenções e nas ações de Paula e de Paulo. O grande espaço de tempo que os separa não os afasta de uma proposta alicerçada no diálogo, na coragem, no respeito, na imparcialidade, na serenidade, as quais já explicitamos em capítulos anteriores.

Certamente, dentro do texto "Educar para Nós", temos inúmeras outras coincidências felizes entre ambos, mas como o seu texto é fundamentado nas Constituições de 1851, no epistolário de Paula e noutros materiais da Congregação, sentimos que já se encontram presentes em nossos escritos anteriores, quando detalhamos aspectos comuns en-

contrados nos referenciais que adotamos como objeto de estudo.

Outrossim, gostaríamos de salientar mais uma vez o quanto nos anima ver em nosso ideário uma abordagem que demonstra a versatilidade das idéias nascidas na Gênova do século XIX. Essa constatação corrobora, portanto, a conclusão de que a verdade é atemporal e se aplica, com facilidade, a meios diversos, bastando que estejam abertos às “novidades do Espírito que nos interpela nas situações concretas da vida” (Educar para Nós, 1991).

5. LEGADO DE PAULA E LEGADO DE PAULO

P
A
P A U L A
L
O

Uma atitude demonstrando acreditar que as pessoas são educáveis, assumindo a tarefa de educar e sustentando-a continuamente

Uma profunda crença na pessoa humana e na sua capacidade de educar-se como sujeito da história

P
P A U L A
U
L
O

Uma clara preferência pelos desfavorecidos, pelos sofredores e uma firme disposição de manter sua missão frente as contrariedades políticas com ameaças de extinção às escolas católicas. Frente a este panorama depositou total confiança em Deus e manteve seus sonhos, expandindo, audasmente, sua obra em outros continentes para a qual soube contar com a ajuda de suas Irmãs, valorizando a contribuição de cada uma.

Uma postura política firme e coerente com as causas do oprimido, temperada com a capacidade de sonhar e de ter esperanças, com a ousadia de fazer e de lutar pelo que acredita. E junto com isto, a humildade de quem sabe que nenhuma obra se faz sozinha e que é preciso continuar aprendendo sempre.

P
A
U
P A U L A
O

Uma preocupação constante com o desenvolvimento de conteúdos e atividades que instrumentalizassem as “meninas” a fim de que desempenhassem seus papéis na sociedade, em acordo com os princípios evangélicos.

Um jeito do povo se educar para transformar a realidade. Uma pedagogia que valoriza o saber do povo, ao mesmo tempo em que desafia o saber sempre mais.

P A U L A
A
U
L
O

Uma decisão de trabalhar com a educação, mesmo diante de várias outras propostas. Uma inclinação fundacional para o trabalho educativo, revelando intuições pedagógicas direcionadas para adesão de uma prática evangélico-libertadora.

Uma preocupação especial com a superação do analfabetismo, e com a pedagogia que alfabetize o povo para ler o mundo.

*Legado de Paulo Freire – Extraído de “Paulo Freire um Educador do Povo”
Organização e apresentação de textos: Roseli Salette Calclart e Edgar Jorge Kolling
Ed. Iterra, 2001

CONCLUSÃO

Ao final de nosso trabalho podemos afirmar que o sentimento mais experimentado por nós foi o da alegria.

A mesma alegria, citada por Paula, que deve mover o trabalho ao ponto de contagiar nossos alunos e que também foi referida por Paulo como uma virtude fundamental da prática educativa democrática.

Com grata satisfação vemos nosso horizonte ampliado. O Horizonte do cristianismo acolhido por Paula como o cristianismo com o qual nos comprometemos, cada vez mais, na condição de batizados e por isso comprometidos. Ao término de nossa análise podemos constatar que não só conhecimentos foram construídos, mas também foi fortalecido o referencial definidor que nos dá base para viabilizarmos uma educação evangélico-libertadora.

Não queremos, contudo, demonstrar alguma pretensão, no sentido de estabelecer um novo marco na prática doroteana. No entanto, esperamos que este estudo contribua para questionar e aperfeiçoar nosso trabalho cristão – pedagógico.

Reler Paulo Freire e reencontrar pontos comuns com a nossa Madre Fundadora foi de extrema importância para nossa trajetória, com tantas buscas. O fato de legitimar as intuições pedagógicas do século XIX só vem ratificar nossa certeza de que o caminho apontado por Santa Paula é um caminho pontuado por esperança, confiança e fé, dos quais queremos ser portadores no dia a dia escolar.

Nesse momento, não podemos deixar de fazer referência ao profundo sentimento de abertura e partilha do Carisma, por parte das IRMÃS DOROTÉIAS. Deste gesto ousado nasceu um amor maior pela missão, pois ao possibilitar o contato com as fontes, a Congregação demonstra um espírito inovador que faz transbordar a graça de fazer parte da família de Paula, conhecendo e admirando suas idéias e ideais.

Rezemos ao Senhor da História para que nos dê a coragem, a fim de combatermos e possibilitarmos inúmeros vencedores que, assim o serão, pela adoção contínua dos valores do Reino como meta de vida. Mas que não nos esqueçamos, que além da coragem de lutar, precisamos estar possuídos da coragem de amar, principalmente, amar o diferente que se nos apresenta das mais variadas formas e nos mais variados contextos, personificando o Cristo do Evangelho.

Concluindo, esperamos ter contribuído de alguma forma para uma reflexão, à luz de nosso tempo, fazendo transitar lições de vida demonstradas por aquela frágil/forte mulher que se deu inteira pela causa do Reino e que ao seu modo e em seu tempo, soube deixar marcas que até hoje permeiam nosso ser e nosso agir.

ANEXOS

SÍNTESE DO CONTEXTO HISTÓRICO- GEOGRÁFICO (SÉCULO XIX).

Paula Frassinetti viveu no século XIX. Nasceu em 13.03.1809 e faleceu em 11.06.1882, com 73 anos.

Nascida na Itália, acompanhou transformações importantes em vários países europeus. Audaz nos empreendimentos, aberta aos sinais da história e com firme propósito – A EDUCAÇÃO EVANGELIZADORA -, avançou para além das fronteiras de seu continente de origem e de tempos difíceis, onde em vários países não autorizavam a vida religiosa devido aos regimes políticos.

Em 1866 sua expansão missionária chegou ao Brasil. Nosso país era independente há muito pouco tempo e a nação ainda estava por se organizar. O Império não contava com o apoio total da maioria da elite, que reivindicava a passagem para o regime republicano, contestando a monarquia. As províncias brasileiras ainda tentavam compreender o significado da independência.

Na Itália a situação era semelhante, uma vez que a unificação só vai ocorrer no final do século XIX: era dividida em ducados, em principados e em condados. Isso fazia com que o clima desse futuro país também não fosse muito tranqüilo. As lutas pela consolidação de territórios eram constantes. Contudo, atravessando inúmeras situações adversas, Paula manteve sua fé e convicções, seguindo sua missão, atenta à evangelização mediante a educação.

Janete de Oliveira Martins
Professora de Geografia
Colégio Santa Dorotéia / Porto Alegre-RS

QUADRO SINÓTICO IDÉIAS AFINS

PAULA	PAULO
PARCIMÔNIA VERBAL	
<p>"Sob o nome de silêncio, nós aqui entendemos de modo geral uma sábia discrição no uso da palavra. Discrição que faz com que uma mestra se cale Quando não é preciso falar..."</p> <p style="text-align: right;">(Const. 1851. Cap. VI, art. 11)</p>	<p>"A parcimônia verbal está implicada na assunção da tensão paciência-impaciência. Quem vive a impaciente paciência dificilmente, a não ser em casos excepcionais, perde o controle sobre sua fala, dificilmente extrapola os limites do discurso ponderado mas energético."</p> <p style="text-align: right;">(Freire 1995, p. 62)</p>
ESCUA	
<p>"... ter paciência e aguardar um pouco mais o desenrolar dos fatos, numa permanente escuta..."</p> <p style="text-align: right;">(Almeida 2000, p.6)</p>	<p>"... outra virtude fundamental é escutar as urgências do educando... a tolerância é a virtude de conviver com o diferente."</p> <p style="text-align: right;">(Freire 1995, p.)</p>
DIÁLOGO	
<p>"Quando Santa Paula sugeriu como solução de algum problema a paciência e a oração na verdade ela estava sugerindo, ou aconselhando o diálogo entre irmãos e especificamente o diálogo com Deus."</p> <p style="text-align: right;">(Almeida 2000, p. 6)</p>	<p>"O diálogo é este encontro com o homem mediatizados pelo mundo pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu."</p> <p style="text-align: right;">(Freire 1992, p.78)</p>
TESTEMUNHO	
<p>"Não deixemos de aprender bem e de praticarmos a importantíssima lição que Jesus Cristo nos deu: praticarmos nós primeiro tudo aquilo que queremos ensinar aos outros..."</p> <p style="text-align: right;">(Carta 98)</p>	<p>"Considero o testemunho como um 'discurso' coerente e permanente da educadora progressista... A prática educativa em que inexistente a relação coerente entre o que a educadora diz e o que ela faz é, enquanto prática educativa, um desastre."</p> <p style="text-align: right;">(Freire 1995, p. 75)</p>

PAULA	PAULO
AMOROSIDADE	
<p>"1. Perfil de Paula ...Vai amadurecendo um estilo de serviço que ela mesmo define como o caminho do coração e do amor." (Educar para nós... 1991)</p>	<p>"... uma outra qualidade a amorosidade, sem a qual seu trabalho perde significado. E a amorosidade não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar." (Freire 1995, p. 57)</p>
FORMAÇÃO DOCENTE	
<p>"Para assumir uma classe, não é suficiente ser instruídas, mas é necessário conhecer perfeitamente os fundamentos das coisas que se ensinam, a fim de estar prevenidas para explicá-las às alunas, com brevidade, clareza e precisão." (Constituição 1851, cap. VI, art. 7°)</p>	<p>"... a responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se capacitar antes mesmo de iniciar sua atividade docente..." (Freire 1995, p.28)</p>
JUSTIÇA	
<p>"... Terá, pois para todos um coração de mãe e procurará conquistar-lhes a confiança com a doçura, a bondade e a justiça..." (Constituição 1851, cap. IX, art.3°)</p>	<p>"Nada disso, porém, pode ser concretizado se falta a educadora o gosto e a procura permanente pela justiça..." (Freire 1995, p. 61)</p>
AMBIENTE FÍSICO	
<p>"Visando a saúde das meninas e das mestras, é essencial que as classes e os outros lugares de reunião das crianças sejam bem arejados, convenientemente conservados, varridos com cuidado todos os dias..." (Constituição 1851, cap. VII, art. 13)</p>	<p>"Se não apenas construirmos mais salas de aula, mas também as mantivermos bem cuidadas, teladas, limpas, alegres, bonitas, cedo ou tarde a própria boniteza do espaço requer outra boniteza: a do ensino competente." (Freire 1995)</p>

PAULA	PAULO
HUMILDADE	
<p>“Seja humilde, humilde com todos e em breve se encontrará livre de todos os defeitos e com domínio de si mesma...”</p> <p style="text-align: right;">(Carta 556)</p>	<p>“Começarei pela humildade que, de modo algum, significa falta de acato a nós mesmos, acomodação, covardia. Pelo contrário, a humildade exige coragem, confiança em nós mesmos, respeito a nós mesmos e aos outros.”</p> <p style="text-align: right;">(Freire 1995, p. 55)</p>
CORAGEM	
<p>“Tenhamos coragem na nossa cruz que Deus estará sempre conosco se nós estivermos unidas a Ele.”</p> <p style="text-align: right;">(Carta 379,14)</p>	<p>“ A coragem, como virtude, não é algo que se ache fora de mim . Enquanto superação do meu medo ela o implica.”</p> <p style="text-align: right;">(Freire, 1995, 57)</p>

Porto-Alegre, 25 de junho de 1999.

Carta às Dorotéias e aos Educadores Doroteanos,

Ficará marcado na história de cada Dorotéia, ou de pessoa envolvida com a sua proposta, o ano de 1999, como um ano em que se deu um grande passo em relação ao aprofundamento dos estudos sobre a sua Santa Fundadora.

Aparentemente esta seria até uma atitude pedagogicamente correta. Rever, vez por outra, a proposta inicial para que não se perca de vista a finalidade almejada. Muito mais do que isto foi previsto. A decisão de revisitar a obra de Paula extrapola aspectos de ordem didática, buscando primordialmente ter bem claro o eixo vertebral de sua vida e de todo o meio circundante a ela, para que a mesma ilumine nossos dias.

Em tempos pós-modernos, quando vemos todos os valores construídos ao longo de décadas ruírem, é mister que se contraponha a efemeridade de princípios, revitalizando o que consideramos pertinente às nossas ações cotidianas.

Ao examinarmos o legado de Santa Paula nos deparamos com pensamentos versáteis que, com facilidade, podem ser reaplicados em nossa prática. Parece que a santidade caminha também por esta via, ou seja, a via que conduz propostas tão verdadeiras, audaciosas e abrangentes que se encontram tão adequadas a qualquer época e gente.

É extremamente oportuno e inteligente que se redefinam as políticas e estratégias que nos envolvem como grupo, com identidade própria, para que a ação iniciada em tempos remotos, perdure e acompanhe ge-

rações. Trata-se de re-significar a obra para que, com roupagem atual, a identidade, outrora conquistada, se concretize e viabilize o propósito da Evangelização pela via do coração e do amor.

Percebe-se, nas Dorotéias, uma enorme abertura de coração e de mente, ao deixarem-se vasculhar no que lhe é mais caro, a fim de "arejar" as leis que as regem, para que não sirvam apenas a uns poucos privilegiados, mas ultrapassem as fronteiras da Congregação e contemplem a todos os leigos agraciados com a proximidade a Santa Paula.

Certamente a Congregação não será mais a mesma após este projeto tão grandioso. Mudarão as pessoas, contudo não mudarão as idéias. As pessoas, com o fortalecimento da idéias de Paula, serão compelidas, pelo entusiasmo, a retomar as antigas lições de suavidade e firmeza. As idéias serão agregados novos meios e métodos para que se consolidem e identifiquem, a olhos vistos, quão grandiosa foi a mente que as gerou e quão benevolente é este coração que temos, no céu, a nos proteger.

Agradecemos a Deus por tempos tão férteis, quando pudemos redescobrir tantas coisas valiosas sob a bênção de "nossa" querida Madre Fundadora. Quiçá, daqui a cem anos, outras tantas Dorotéias se debrucem sobre a mesma questão, para que muitos outros sejam beneficiados e sintam que a força do Espírito Santo, que move a Igreja através dos séculos, os moverá também num movimento iluminado e sempre direcionado para a construção do Reino.

Marinice Souza Simon
Ex-aluna das Dorotéias de Porto Alegre
Vice-Diretora do Colégio Santa Dorotéia-PoA/RS

BIBLIOGRAFIA

- AEC. **Paulo Freire**. Revista de Educação da AEC, n. 106. Brasília, AEC, 1998.
- AEC. **Educação Libertadora**. Revista de Educação da AEC, n. 105. Brasília, AEC, 1997.
- AEC. **Paixão e Educação**. Revista de Educação da AEC, n. 110. Brasília, AEC, 1999.
- AEC. **Prática Docente: Desafios e Esperanças**. Revista de Educação da AEC, n. 121. Brasília, AEC, 2001.
- AEC. **O Leigo Católico – Testemunho da Fé na Escola**. Cadernos AEC do Brasil n. 16.
- AEC. **Medo e Esperança em Paulo Freire: Tensões Políticas do Professorado**. Revista de Educação da AEC.
- ALMEIDA, Custódio Luís. **Intuição Pedagógica de Paula Frassinetti: um olhar filosófico**. Recife, PE: Congregação de Santa Dorotéia do Brasil, 2000.
- _____. **Intuições Pedagógicas de Paula Frassinetti**, 1998.
- BARRETO, José Carlos. **Educação na visão de Paulo Freire**. São Paulo; Vereda, s/d.
- CELAM, Conclusões de Medellin. **A Igreja na Atual Transformação da América Latina à Luz do Concílio**. Documento Educação, Petrópolis, Vozes, 1969, 66-73.
- CNBB, Documentos, n. 54. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil**. 1995-1998, Paulinas, 1995.

